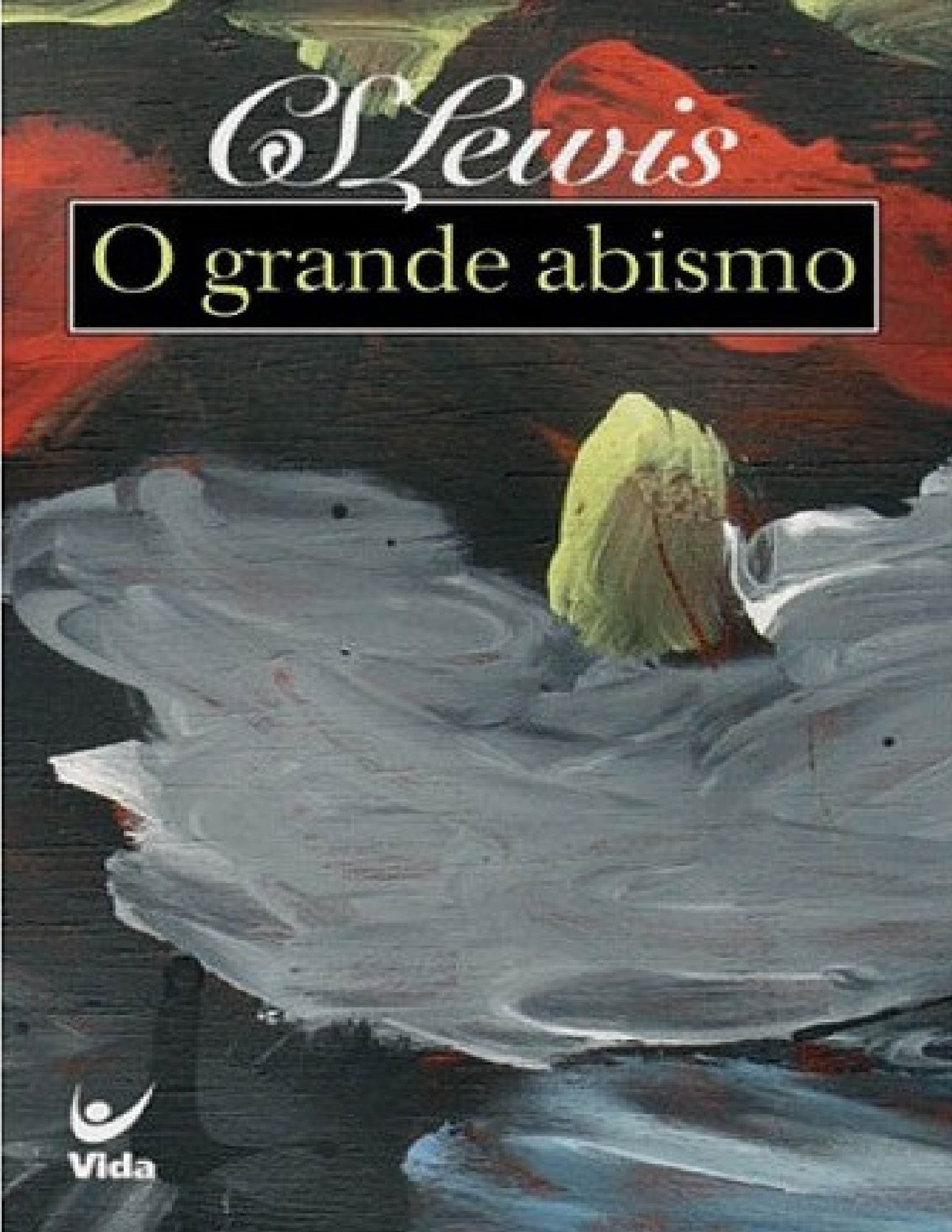

C. Lewis
O grande abismo
Vida

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O GRANDE ABISMO
um sonho

C.S. Lewis

Tradução de Ana Schäffer

Título Original: The Great Divorce

O Autor

Nascido na Irlanda em 1898, C. S. Lewis estudou no Malvern College durante um ano, recebendo a seguir uma educação ministrada por professores particulares. Ele formou-se em Oxford, tendo trabalhado como professor no Magdalen College de 1925 a 1954. Em 1954 tornou-se Catedrático de Literatura Medieval e Renascentista em Cambridge. Foi uni conferencista famoso e popular, exercendo grande influência sobre seus alunos, C. S. Lewis conservou-se ateu por muitos anos, tendo descrito sua conversão no livro “Surprised by Joy”: “No Termo da Trindade de 1929 entreguei os pontos e admiti que Deus era Deus... talvez o convertido mais desanimado e relutante de toda a Inglaterra.” Foi esta experiência que o ajudou a compreender não apenas a apatia mas também a resistência ativa por parte de certas pessoas em aceitarem a idéia de religião. Como escritor cristão, caracterizado pelo brilho e lógica excepcionais de sua mente e por seu estilo lúcido e vivo, ele foi incomparável. O Problema de Sofrimento, Cartas do Inferno, Cristianismo Autêntico, Os Quatro Amores e As Crônicas de Narnia são apenas alguns de seus trabalhos mais vendidos. Ele escreveu também livros excelentes para crianças e outros de ficção científica, além de muitas obras de crítica literária. Seus trabalhos são conhecidos por milhões de pessoas em todo o mundo através de traduções. C. S. Lewis morreu a 22 de novembro de 1963, em sua casa em Oxford, Inglaterra.

Prefácio

O Sr. Blake escreveu o livro “Casamento do Céu e Inferno.” Se escrevi sobre o abismo entre os dois, isto não é porque me julgo um antagonista à altura de tão grande gênio, nem mesmo porque esteja absolutamente certo de ter entendido o que ele pretendia; mas, num sentido ou outro a tentativa de realizar essa união é perene.

Essa tentativa tem como base a crença de que a realidade jamais se apresenta a nós num sentido absoluto, havendo sempre uma opção inevitável a ser feita; mas que, com habilidade e paciência e (acima de tudo) tempo suficiente, algum meio de abranger ambas as alternativa pode ser sempre encontrado. Que o simples desenvolvimento, ajuste ou refinamento, irá de alguma forma transformar o mal em bem, sem que sejamos chamados para uma rejeição final e total de qualquer coisa que desejemos reter.

Acredito que esta crença represente um erro desastroso. Não é possível levar conosco toda a nossa bagagem em todas as jornadas.

Em uma dessas viagens até mesmo a sua mão direita ou o seu olho direito podem estar entre as coisas que precisará deixar para trás. Não estamos vivendo em um mundo onde todas as estradas são raios de um círculo e onde todas, se seguidas suficientemente, acabarão por se aproximar gradualmente e terminar se encontrando no centro. Pelo contrário, estamos num mundo em que cada estrada, depois de alguns quilômetros, se divide em duas, e cada uma destas mais uma vez em duas, e em cada encruzilhada você tem de tomar uma decisão. Mesmo no nível biológico, a vida não é como um rio mas como uma árvore. Ela não se move na direção da unidade, mas se distancia dela e as criaturas se afastam cada vez mais das outras, à medida que se aperfeiçoam. O bem, quando amadurece, se mostra cada vez mais diferente, ‘não só do mal, mas de qualquer outro bem.

Não julgo que todos os que escolhem as estradas erradas perecem; mas o seu resgate consiste em serem colocados de volta na estrada certa. Uma soma errada pode ser corrigida, mas somente fazendo um retrospecto até achar o erro e continuando a partir desse ponto, e não apenas “avançando”. O mal pode ser desfeito, mas não pode “transformar-se” em bem. O tempo não pode curá-lo. O encanto precisa ser quebrado, pouco a pouco, “com murmúrios de trás para diante, a fim de obter a separação” — caso contrário não dá resultado. Continua prevalecendo a necessidade de alternativa.

Se insistimos em conservar o Inferno (ou mesmo a terra) não veremos o Céu. Acredito que qualquer homem que chegue ao Céu descobrirá que aquilo que abandonou (mesmo arrancando o seu olho direito) não ficou perdido: que o âmago daquilo que estava realmente buscando, mesmo em seus mais depravados desejos,

continua ali, além de qualquer expectativa, esperando por ele nos “Países Altos”. Nesse sentido, os que tiverem completado a jornada (e somente estes) poderão verdadeiramente dizer que o bem é tudo e que o Céu está em toda parte. Mas nós, deste lado da estrada, não devemos tentar antecipar essa visão retrospectiva. Se fizermos isso, é provável que adotemos o falso e desastroso conceito de que tudo é bom e qualquer lugar é o Céu.

E a terra? você pode perguntar. A terra, penso eu, não irá ser considerada por ninguém, no final, como sendo um lugar muito definido. Penso que se for escolhida a terra em vez do Céu, ela irá mostrar ter sido, todo o tempo, apenas uma região no Inferno: e a terra, se colocada em sujeição ao Céu, terá sido desde o início uma parte do próprio Céu.

Só quero dizer mais uma ou duas coisas sobre este livro. Primeiro, devo reconhecer minha dívida de gratidão a um escritor cujo nome esqueci. Li um artigo seu numa revista americana chamada “Scientifiction” (Ficção Científica). A qualidade do meu material celeste, que não se curva nem quebra, foi-me sugerida por ele, embora tivesse feito uso da fantasia para um propósito diferente e muito engenhoso. O seu herói viajou para o passado: e ali, muito adequadamente, encontrou pingos de chuva que o feriam como balas e sanduíches que não se podiam comer — porque, naturalmente, nada no passado pode ser alterado. Com menos originalidade, mas (espero) com igual propriedade, transferi esta idéia para a eternidade.

Se o autor dessa história porventura ler estas linhas peço que aceite minha gratidão. A segunda coisa é esta. Peço aos leitores que se lembrem tratar-se de uma fantasia. Ela tem naturalmente, ou foi essa a minha intenção, uma moral. Mas as condições além da morte não passam de uma suposição imaginaria: não são sequer um palpite ou uma especulação quanto ao que pode realmente aguardar-nos. A última coisa que desejo seria despertar curiosidade fatual quanto aos detalhes da vida após-morte.

C. S. Lewis Abril, 1945

1

Parecia achar-me de pé junto a uma fila de ônibus numa rua comprida e pobre. Era no fim da tarde e caía uma chuva fina. Durante horas eu tinha caminhado por ruas assim feias, sempre na chuva e sempre ao cair do dia. O tempo parecia ter feito uma pausa naquele momento sombrio em que apenas algumas lojas acendem as suas luzes e não está ainda suficientemente escuro para que as janelas projetem na calçada sombras alegres.

E da mesma forma que a tarde não chegou a ser noite, meu perambular jamais me levou a partes melhores da cidade. Por mais que andasse, só encontrei pensões mesquinhas, pequenas tabacarias, tapumes com cartazes rasgados e caindo aos pedaços, depósitos despidos de janelas, estações sem trens e livrarias do tipo onde se vende As Obras de Aristóteles. Não vi ninguém em lugar algum. A não ser pelo pequeno ajuntamento no ponto de ônibus, a cidade inteira parecia deserta. Penso que foi por isso que decidi entrar naquela fila.

Tive sorte na mesma hora, pois no momento em que tomei o meu lugar, uma mulherzinha irritada à minha frente falou um rispidez ao seu acompanhante: “Olhe; não vou de jeito nenhum. Não adianta dizer nada”, e deixou a fila, “Por favor”, respondeu o homem, numa voz cheia de dignidade, “não pense que me importo de ir. Só estive tentando agradar você, para manter a paz. Meus próprios sentimentos naturalmente não importam. Entendo isso muito bem.”

Juntando a ação à palavra, ele também se foi.

“Que bom,” pensei eu, “são dois lugares a mais.” Eu estava agora próximo de um homem baixinho, carrancudo, que me olhou com ar de extremo desagrado e observou, em tom desnecessariamente alto, ao que se achava diante dele: “Este tipo de coisa faz a gente pensar se vale mesmo a pena ir.”

“Que espécie de coisa?” resmungou o outro, um homenzarrão musculoso.

“Bem”, replicou o Baixinho, “este não é de modo algum o tipo de sociedade a que estou acostumado.”

“Ora, ora,” enrolou o Grandão, e acrescentou com um olhar para mim: “Não aceite nenhum gracejo dele, homem. Você não está com medo dele, está?” A seguir, vendo que eu não fazia qualquer movimento, ele se voltou repentinamente para o Baixinho, falando: “não somos bons o bastante para você, não é? Olhe só quem está falando!”

No momento seguinte ele deu um soco no rosto do Baixinho que o fez esparramarse na sarjeta. “Deixe que fique, deixe que fique”, disse a Grandão a ninguém em particular. “Sou um homem simples, e tenho meus direitos como outro qualquer, está vendo?” Como o outro não mostrasse mais qualquer disposição para

voltar à fila, afastando-se a manquejar, eu adiantei-me, cautelosamente, achegando-me ao Grandão e me felicitei por ter avançado mais um passo.

Logo em seguida, dois jovens que se achavam na frente dele também saíram, de braço dado. Ambos vestiam calças, eram esbeltos, riam muito e falavam em falsete, de modo que não pude ter certeza do sexo de qualquer dos dois, mas ficou claro de que pelo menos naquele momento ambos preferiam um ao outro do que a oportunidade de um lugar no ônibus.

"Não vamos poder entrar todos", choramingou uma voz feminina, uns quatro lugares à minha frente. "Troco de lugar com a senhora por cinco pratas", disse alguém. Ouviu-se o ruído de dinheiro e depois um grito de mulher, misturado com risadas do resto das pessoas.

A mulher enganada pulou de onde estava para enfrentar o homem que a lograra, mas os demais imediatamente ceifaram fileiras e a puseram para fora. . . E assim, com uma coisa e outra a fila se reduzira a proporções compatíveis muito antes de o ônibus chegar.

Era um veículo maravilhoso, todo iluminado com luzes douradas.

O próprio Motorista parecia cheio de luz e guiava com uma só mão.

Com a outra ele abanava o rosto, como se para afastar o vapor gorduroso da chuva. Um resmungo se fez ouvir na fila quando ele apareceu.

"Parece que estava se divertindo, não é?... Aposto como está todo satisfeito consigo mesmo... Meu caro, por que será que ele não pode comportar-se naturalmente? Acha que é bom demais para olhar para nós... Quem pensa que é?... Todos esses dourados e púrpura, que desperdício. Por que não gastam um pouco de dinheiro na sua propriedade aqui? — Meu Deus! Gostaria de dar-lhe um soco na orelha." Eu, da minha parte, não podia ver nada no semblante do Motorista para justificar tudo isso, a não ser que fosse pelo seu ar de autoridade e aparente atenção no seu trabalho.

Meus companheiros de viagem lutaram como galinhas para subir no ônibus, embora houvesse lugar bastante para todos. Fui o último a entrar. O ônibus tinha apenas metade dos lugares ocupados e escolhi um na parte de trás, bem afastado dos outros. Mas um jovem de cabelos desgrenhados na mesma hora sentou-se ao meu lado.

Assim que o fez, nós partimos.

"Pensei que não se incomodaria se eu ficasse aqui", disse ele, "pois notei que sente o mesmo que eu sobre esse pessoal. Por que eles insistem em vir não posso imaginar. Não vão gostar de nada quando chegarmos lá, e estariam na verdade muito melhor em casa. Mas para nós dois é diferente."

"Eles gostam deste lugar?" perguntei.

"Tanto quanto gostariam de qualquer outro" respondeu. "Existem cinemas, lojas, anúncios e toda sorte de coisas que quiserem. A falta absoluta de vida intelectual não os preocupa. Descobri no momento em que cheguei que algo estava

errado. Eu devia ter tomado o primeiro ônibus, mas perdi tempo tentando despertar as pessoas daqui. Encontrei alguns amigos que já conhecia e tentei formar um pequeno círculo, mas todos parecem ter descido ao nível do ambiente que os rodeia. Mesmo antes de chegar já tinha algumas dúvidas sobre um homem como Ciro Braga. Sempre achei que ele estava trabalhando fora de seu ramo. Mas, pelo menos era inteligente.

A gente podia ouvir algumas críticas valiosas feitas por ele, embora fosse um fracasso quanto à criatividade. Agora, entretanto, parece que nada lhe restou a não ser a sua presunção. Da última vez que tentei ler para ele alguns de meus trabalhos... mas, espere um pouco, quero que você mesmo veja."

Ao compreender, com um arrepio, que ele estava tirando do bolso um maço volumoso de papel datilografado, eu murmurei algo sobre não ter trazido os óculos e exclamei: "Olhe! Saímos do chão!"

Era verdade. A centenas de pés abaixo, já quase ocultos pela chuva e neblina, os telhados molhados da cidade podiam ser vistos, espalhando-se sem interrupção até onde a vista podia abranger.

2

Não fiquei muito tempo à mercê do Poeta Desgrenhado, porque outro passageiro interrompeu nossa conversa. Mas antes que isso acontecesse, eu já tinha aprendido bastante sobre ele. Ao que parece, tratava-se de alguém que sofrera muito abuso. Seus pais nunca o apreciaram e nenhuma das cinco escolas que freqüentara parecia ter feito qualquer provisão para um talento e temperamento como o dele. A fim de piorar as coisas, ele fora exatamente o tipo de rapaz em cujo caso o sistema de exames opera com a máxima injustiça e absurdo. Não foi senão quando chegou à faculdade que ele começou a reconhecer que todas essas injustiças não ocorriam por acaso, sendo porém o resultado inevitável de nosso sistema econômico.

O capitalismo não escravizava apenas os trabalhadores, mas também viciava o gosto e vulgarizava o intelecto; dai o nosso sistema educativo e a falta de "Reconhecimento" dos novos gênios. Esta descoberta fez dele um comunista. Ao explodir, no entanto, a guerra, e ao ver a Rússia aliar-se aos governos capitalistas, ele se viu novamente isolado e tomou-se um objetor consciente.

As indignidades que sofreu durante essa fase de sua carreira, conforme confessou, o amarguraram profundamente. Decidiu que poderia servir melhor à causa indo para a América. Mas então a América entrou também na guerra.

Foi nesse ponto que passou a considerar a Suécia como a sede de uma arte realmente nova e radical, mas os vários opressores não facilitaram sua ida para a Suécia. Surgiram dificuldades financeiras.

Seu pai, que jamais progredira além da mais atroz complacência e presunção da era vitoriana, lhe dava uma mesada risível e inadequada.

Ele também tinha sido muito maltratado por uma garota. Chegou a pensar que ela possuía uma personalidade realmente civilizada e adulta, e de uma hora para outra ela revelara não passar de uma massa de preconceitos burgueses e instintos monogâmicos. Ciúmes, posse, eram qualidades que lhe aborreciam particularmente. Ela até demonstrou, no final, que era mesquinha em relação a dinheiro. Esse foi o último golpe. E ele tinha pulado debaixo de um trem.

Estremeci, mas ele nem notou.

Mesmo assim, prosseguiu, a má sorte continuou a persegui-lo. Fora enviado à cidade cinza. Mas, naturalmente, tudo não passou de um engano. Eu descobriria, assegurou-me, que todos os outros passageiros estariam comigo na viagem de volta, menos ele. Ficaria "lá".

Sentia-se praticamente seguro de que ia para onde, finalmente, seu espírito de crítica refinado não mais seria desencorajado por um ambiente discordante onde encontraria "Reconhecimento" e "Apreciação".

Enquanto isso, como eu estava sem óculos, ele leria para mim a passagem sobre a qual Ciro Braga se mostrara tão indiferente.

Foi nesse exato instante que fomos interrompidos. Uma das rixas que estavam sempre em ponto de ebulição no ônibus estourou e houve uma correria. Facas brilharam, pistolas foram disparadas; mas tudo pareceu estranhamente inócuo e quando acabou, descobri-me ileso, embora estivesse numa outra poltrona e com um novo companheiro. Era um homem de semblante inteligente, com um nariz volumoso e um chapéu coco. Olhei para fora da vidraça.

Estávamos tão no alto que tudo abaixo de nós se tomara informe.

Mas não avistei campos, rios, nem montanhas, e tive a impressão de que a cidade cinzenta continuava enchendo todo o meu campo de visão.

"Parece uma cidade muito estranha", falei espontaneamente, "e é isso que não posso compreender. As partes dela que vi eram tão vazias. Havia mais gente antes?"

"Absolutamente", respondeu meu vizinho. "A dificuldade está em que são tão briguentos. No momento em que alguém chega se estabelece em uma das ruas, mas antes de vinte e quatro horas briga com o vizinho. No fim da semana já discutiu tanto que decide mudar-se. É bem provável que encontre a rua seguinte vazia porque todas as pessoas dali se mudaram por terem discutido com os vizinhos. Se isso aconteceu, ele passa a morar lá. Se, porém, a rua estiver cheia, ele passa adiante. Mas mesmo que fique não faz diferença. E certo que logo vai brigar de novo e terá de prosseguir.

Finalmente chegará à periferia da cidade e construirá ali uma casa nova. Veja, isso aqui é fácil. Você só precisa pensar em uma casa e lá está ela. É assim que a cidade cresce."

"Deixando cada vez mais ruas vazias?"

"Isso mesmo. E o tempo também é estranho aqui. Aquele lugar onde tomamos o ônibus fica a milhares de quilômetros do Centro Cívico onde todos os recém-chegados da terra são recebidos. Todas as pessoas com quem se encontrou moravam perto do ponto de ônibus, mas seriam necessários séculos de nosso tempo — para chegar ali, através de remoções graduais.

"E os que chegaram antes? Quero dizer, deve haver pessoas que vieram da terra para a sua cidade em épocas anteriores."

"Está certo. Existem mesmo. Mas foram sempre se mudando.

Afastando-se cada vez mais. Estão tão longe agora que não poderiam nem sequer pensar em vir ao ponto do ônibus. Distâncias astronômicas. Existe uma pequena elevação perto de minha casa e um sujeito lá tem um telescópio. Você pode ver as luzes das casas habitadas, onde esses antigos vivem, a milhares de quilômetros de distância. Muito longe de nós e uns dos outros. De vez em quando eles se mudam ainda mais para longe. Essa é uma das decepções.

Pensei que você encontraria personagens históricas interessantes.

Mas não vai ser possível, elas se acham distantes demais.

"Elas chegariam ao ponto de ônibus a tempo, se realmente decidissem fazer isso?"

"Sim, teoricamente, sim. Mas seria uma distância de um ano-luz.

E não desejariam fazê-lo a esta altura, não aqueles — antigos como Tamberlain, Gengis Khan, Júlio César, ou Henrique Quinto.

"Não iriam querer?"

"Exato. O que fica mais próximo entre os antigos é Napoleão. Sabemos isso porque dois sujeitos viajaram para vê-lo. Eles tinham partido antes de minha chegada, naturalmente, mas eu estava lá quando voltaram.

Eles gastaram cerca de quinze mil anos do nosso tempo. Nós conseguimos focalizar a casa depois disso. Apenas um pontinho de luz e nada mais por perto, num raio de milhares de quilômetros."

"Mas eles chegaram lá?"

"Chegaram. Ele tinha construído uma casa enorme no estilo Império - fileiras de janelas iluminadas, embora pareça apenas um ponto de luz de minha casa."

"Eles viram Napoleão?"

"Claro. Foram até lá e olharam por uma das janelas Napoleão estava mesmo lá dentro."

"O que ele estava fazendo?"

"Andando para baixo e para cima — para baixo e para cima todo o tempo — esquerda-direita esquerda-direita jamais parando, nem por um momento. Os dois sujeitos ficaram observando por mais ou menos um ano e ele nunca descansou. Ficava falando sozinho o tempo todo. "Foi culpa de Soult. Foi culpa de Nei; foi culpa de Josefina. Foi culpa dos russos. Foi culpa dos ingleses." Desse jeito o tempo todo. Nunca parou. Um homenzinho gorducho, e parecia cansado. Mas ele não parecia poder parar."

Pelas vibrações percebi que o ônibus continuava em movimento, mas nada podia ser visto das janelas para confirmar isso — nada a não ser o vácuo cinzento, acima e abaixo.

"Então a cidade continuará a se espalhar indefinidamente?" disse eu.

"Isso mesmo", respondeu o Inteligente. "A não ser que alguém possa fazer algo a respeito."

"O que quer dizer?"

"Bem, na verdade, entre você e eu e a parede, esse é justamente o meu trabalho no momento. O que está acontecendo com este lugar?

Não é o fato de as pessoas brigarem — isso faz parte da natureza humana e sempre foi assim na terra. O problema é que elas não têm Necessidades. Você tem tudo o que quer (embora, naturalmente a qualidade não seja boa) imaginando as coisas. E por isso que não dá qualquer trabalho mudar-se para outra rua ou construir outra casa.

Isto significa que não existe uma base econômica adequada para uma vida comunitária. Se precisassem de casas de comércio reais, as pessoas teriam de localizar-se perto delas. Se precisassem de casas verdadeiras, seriam obrigadas a morar onde houvesse construtores.

E a escassez que torna possível a existência da sociedade. Bem, é justamente nesse ponto que eu entro. Não estou fazendo esta viagem sem um objetivo, nem para o bem de minha saúde. Quanto a isso acho que não me adaptaria lá. Mas se puder voltar com algumas mercadorias reais — qualquer coisa que se pudesse realmente comer, beber, ou na qual se pudesse sentar imediatamente haveria uma procura na nossa cidade. Eu começaria um pequeno negócio.

Teria algo para vender, e logo as pessoas passariam a aproximar-se — centralização. Duas ruas completamente habitadas acomodariam as pessoas que estão agora espalhadas por sobre um milhão de quilômetros quadrados de ruas vazias. Eu teria um bom lucro e ao mesmo tempo seria considerado um benfeitor público."

"Você quer dizer que se eles tivessem de viver juntos, gradualmente brigariam menos?

"Bem, não posso dizer nada quanto a isso. Suponho que talvez ficassem um pouco mais tranqüilos. Haveria chance de formar um departamento policial. Discipliná-los um pouco. De qualquer jeito (e aqui ele abaixou a voz), seria melhor, você sabe. Todos admitem isso. Há segurança na aglomeração.

"Proteção de quê?" comecei, mas meu companheiro me fez sinal para calar-me. Mudei a pergunta.

"Mas, olhe aqui", disse eu, "se eles podem conseguir tudo pela imaginação, por que desejariam qualquer coisa real, como afirma"

"Bem, gostariam de ter casas que realmente os protegessem da chuva."

"As casas de agora não fazem isso?"

"Caro que não. Como poderiam?"

"Qual é então o proveito em construí-las?" O Inteligente aproximou a cabeça da minha. "Proteção de novo", murmurou. "Pelo menos, o sentimento de segurança. Agora está tudo bem, mas, mais tarde... você compreende."

"O quê?" falei, quase involuntariamente baixando minha voz a um sussurro.

Ele mexeu os lábios sem qualquer som, como se esperasse que eu pudesse compreender a leitura de lábios. Coloquei o ouvido junto à sua boca. "Fale", disse eu. "Vai ficar escuro logo", respondeu. — "Você está querendo dizer que a tarde vai realmente virar noite no fim?"

Assentiu com a cabeça.

"O que isso tem a ver com tudo?"

"Bem... ninguém quer estar fora de casa quando isso acontecer."

"Por quê?"

A sua resposta foi tão furtiva que tive de fazê-lo repetir várias vezes.

Depois disso, um tanto aborrecido (como ficamos com freqüência com os que murmuram), repliquei sem lembrar de baixar a voz.

"Quem são 'Eles"'? perguntei. "E o que teme que lhe façam? E por que sairão quando estiver escuro? E que proteção poderia dar uma casa imaginária se houvesse qualquer perigo?"

"Olhe aqui!" gritou o Grandão. "Quem é que está falando essas coisas? Vocês dois aí parem de falar baixinho, se não quiserem levar o seu. Entenderam? Espalhando boatos, é esse o nome que damos. Cale a boca, Oto. Tá bom?"

"E isso mesmo. Escandaloso. Deviam ser processados. Como entraram no ônibus?" vociferaram os passageiros.

Um homem gordo, bem barbeado, que se achava sentado na minha frente, inclinou-se e se dirigiu a mim numa voz bem educada.

"Desculpe", disse ele, "mas não pude deixar de ouvir partes de sua conversa. E surpreendente como as superstições primitivas ainda permanecem.

Como? Ó, Deus abençoe minha alma isso é tudo. Não há um fiapo de evidência no sentido de que este crepúsculo vá transformar-se jamais em noite. Tem havido uma mudança de opinião sobre isso nos círculos mais cultos. Estou surpreso de que não tenha ouvido falar. Todas essas fantasias dramáticas de nossos antepassados estão sendo destruídas. O que vemos agora nesta meia-luz suave e delicada é a promessa da alvorada: a volta lenta de toda uma nação para a luz.

Devagar e imperceptivelmente, como é natural. 'E não apenas pelas janelas voltadas para o leste, quando romper o dia, a luz virá.' E essa paixão por coisas 'reais' de que nosso amigo fala não passa de materialismo.

E um retrocesso! A cobiça pela matéria. Mas nós olhamos para esta cidade espiritual — pois apesar de todas as suas falhas ela é espiritual — como um jardim de infância em que as funções criativas do homem, agora livre dos obstáculos da matéria, começam a experimentar as suas asas. Um pensamento sublime."

Horas depois começou a notar-se uma mudança. O ônibus ficou mais claro. O cinza fora das janelas modificou-se de cor de lama para madrepérola, depois para um azul muito claro e a seguir veio um azul forte que feria os olhos. Parecíamos estar flutuando no mais puro vácuo. Não havia terra, sol, nem estrelas a vista; apenas o abismo radiante. Abaixei a janela ao meu lado. Uma frescura deliciosa entrou, mas então...

"Que diabo você está fazendo?" gritou o Inteligente, inclinando-se rudemente sobre mim e puxando depressa a janela para cima.

Quer que todo mundo morra gelado?"

"Dê-lhe um soco", contribuiu o Grandão.

Olhei à minha volta. Embora as janelas estivessem fechadas, o ônibus se achava cheio de luz. Era uma claridade cruel. Recuei diante das faces e formas que me cercavam. Eram faces fixas, cheias de impossibilidades e não de possibilidades.

Algumas esqueléticas, outras inchadas, outras ainda com um ar fixo de ferocidade idiota, ou engolfadas para sempre em sonhos. Mas todas, de uma ou outra forma, deformadas e desvanecidas. Tinha-se a impressão de que poderiam desfazer-se em pedaços a qualquer momento se a luz ficasse mais forte. E então havia um espelho na parede do ônibus — pude contemplar a minha própria face.

E a luz continuou aumentando.

3

Um penhasco surgiu à nossa frente. Ele descia verticalmente, de modo que não pude ver o fundo. Era negro e liso. Nós subíamos cada vez mais. O alto do penhasco tornou-se afinal visível, uma linha fina de verde esmeralda, esticada como uma corda de violino.

Deslizamos então pelo cume: estávamos voando sobre um campo plano, cheio de grama, atravessado por um rio largo. Começamos a perder altura e a copa das árvores mais altas podia ser vista a apenas seis metros abaixo. De repente pousamos. Todos pularam de seus lugares. Blasfêmias, provocações, palavras sujas, me feriram os ouvidos à medida que meus companheiros de viagem lutavam para sair. Um momento depois todos tinham conseguido. Eu me achava sozinho no ônibus, e através da porta aberta pude ouvir no silêncio cheio de frescor o canto de uma cotovia.

Saí. A luz e a frescura que me envolveram eram como as de uma manhã de verão, como as da madrugada um ou dois minutos antes de nascer o sol, mas havia uma certa diferença. Eu me sentia como se estivesse num espaço mais amplo, talvez uma espécie de espaço mais amplo, que jamais conhecera antes: como se o céu estivesse mais distante e a extensão da planície verde maior do que poderiam ser nesta pequenina bola da terra. Eu tinha "saído" num certo sentido que fazia o Sistema Solar parecer como um negócio portas a dentro. Tive uma sensação de liberdade, mas também de exposição, possivelmente de perigo, que continuou a acompanhar-me através de tudo o que se seguiu. A impossibilidade de comunicar esse sentimento, ou mesmo de induzi-lo a lembrar-se dele à medida que prossigo, é que me faz ver minha incapacidade para transmitir a qualidade real daquilo que vi e ouvi.

A princípio, naturalmente, minha atenção foi chamada pelos que viajaram comigo. Eles estavam ainda agrupados perto do ônibus, embora alguns já tivessem começado a andar pelas cercanias. Respirei fundo quando os vi. Agora que estavam na luz, pude ver que eram transparentes, completamente translúcidos quando ficavam entre mim e ela, borrados e opacos quando à sombra de alguma árvore. Na verdade não passavam de fantasmas: manchas com formato de homem na luminosidade daquele ar. Poderiam ser notados ou ignorados, à vontade, como se faz com a sujeira numa janela.

Percebi que a grama não se deitava sob os pés deles, nem mesmo as gotas de orvalho eram perturbadas.

Minha mente então reajustou-se, ou meus olhos focalizaram melhor, e observei o fenômeno por outro lado. Os homens estavam como sempre tinham sido;

como todos os homens que eu tinha conhecido talvez eram. A luz, a grama, as árvores é que eram diferentes; compostas de uma substância diversa, tão mais sólida que as coisas em nossa pátria, que os homens eram fantasmas em comparação. Movido por um súbito pensamento, abaixei-me e tentei arrancar uma flor no solo a meus pós. A haste não quebrou.

Tentei torcê-la, mas não consegui. Puxei até que o suor brotou-me na testa e perdi a maior parte da pele de minhas mãos.

A pequena flor era dura. Não como madeira ou mesmo como ferro, mas como o diamante. Havia uma folha, uma pequenina folha de faia, caída na grama ao lado dela. Tentei apanhar a folha. Meu coração quase arrebentou com o esforço, e creio que consegui levantá-la pelo menos um pouco. Mas precisei largá-la imediatamente; era mais pesada que um saco de carvão.

Enquanto estava ali de pé, recuperando o fôlego e olhando para a flor, notei que podia ver a grama não só entre meus pés mas através deles. Eu também era um fantasma. Quem me dará palavras para exprimir o terror dessa descoberta? "Puxa!" pensei. "Desta vez é pra valer."

"Não gosto disso. Não gosto disso", berrou uma voz. "Fico arrepiado!"

Um dos fantasmas atravessara meu campo de visão, voltando ao ônibus. E não saiu mais dele pelo que sei.

O outros permaneceram por ali, incertos.

"Ei, senhor" disse o grandão, dirigindo-se ao Motorista. "Quando temos de voltar?"

"Você não precisa voltar, a não ser que queira" respondeu ele. "Fique quanto quiser." Houve uma pausa constrangida.

"Isto é simplesmente ridículo", disse uma voz em meu ouvido.

Um dos fantasmas mais quietos e respeitáveis tinha se aproximado silenciosamente de mim. "Deve ter havido algum erro de administração", continuou ele. "Do que adianta permitir que toda essa gentinha flutue por aqui o dia inteiro? Olhe só para eles. Não estão aproveitando. Ficariam muito mais felizes em casa. Não sabem nem o que fazer."

"Eu também não sei isso muito bem", disse eu. "O que a gente faz?"

"Eu? Tenho um encontro daqui a pouco. Sou esperado. Não estou me preocupando com isso. Mas é bem desagradável no nosso primeiro dia ver o lugar ocupado por todos esses turistas. Que vão para o diabo! Um dos principais objetivos de vir para cá era evitá-los!"

Ele afastou-se de mim. Comecei a olhar à minha volta. Apesar da sua referência a uma "multidão", o silêncio era tão grande que mal podia notar o grupinho de fantasmas em primeiro plano. O verde e a luz tinham quase engolido a todos.

Muito ao longe eu podia divisar o que poderia ser um grande acúmulo de nuvens ou uma cadeia de montanhas. Algumas vezes se entremostravam florestas

em aclive, vales remotos, e até mesmo cidades montanhosas empoleiradas em cumes inacessíveis. Em outras ocasiões tudo ficava indistinto. A altura era tão grande que minha vista não poderia abranger um objeto assim de forma alguma.

A luz pairava sobre o seu topo, descendo então e projetando longas sombras por trás de cada árvore na planície. Não havia qualquer mudança ou progressão com o passar das horas. A promessa — ou a ameaça — do alvorecer manteve-se imóvel lá em cima.

Muito depois disso vi pessoas vindo ao nosso encontro. Por serem luminosas, pude distingui-Ias enquanto ainda se achavam bem longe.

No começo nem sequer percebi que se tratasse de pessoas.

Quilômetro após quilômetro elas se aproximaram. A terra tremia sob os seus passos, à medida que seus pés fortes se afundavam na relva molhada. Um vapor leve e um aroma adocicado subiam de onde a grama fora esmagada e o orvalho se espalhou. Alguns estavam nus, outros vestidos. Mas os nus não pareciam menos adornados, e as vestes não disfarçavam nos que as vestiam os músculos maciços e poderosos e a maciez radiante da carne. Alguns tinham barba, mas ninguém naquele grupo pareceu-me ter uma idade particular.

Vislumbramos às vezes, mesmo em nosso país, coisas que não têm idade: pensamentos sérios na face de uma criança, e um ar traquinas na de um velho. Tudo aqui era assim. Eles continuavam caminhando. Não gostei muito do que via. Dois dos fantasmas gritaram e correram para o ônibus. O resto de nós se juntou mais.

4

Quando o pessoal sólido chegou mais perto, notei que todos se moviam com ordem e determinação como se cada um deles tivesse marcado o seu homem em nosso grupo de sombras.

"Vão acontecer cenas comoventes", disse comigo mesmo. "Talvez fosse melhor não olhar." Com isso me afastei com o vago pretexto de fazer uma pequena exploração.

Um bosque de cedros enormes à minha direita pareceu-me atraente e entrei nele. Mas era difícil andar. A relva, dura como diamante para os meus pés imateriais, fazia sentir como se estivesse andando sobre rocha viva, e sofri como a sereia no livro de Hans Andersen. Um pássaro correu à minha frente e tive inveja dele. Pertencia àquele lugar e era tão real como a grama. Podia fazer curvar as hastes e molhar-se com a relva.

Quase imediatamente fui seguido pelo que chamei de Grandão ou Homenzarrão, mas para falar mais apropriadamente, pelo Grande Fantasma. Ele, por sua vez, foi seguido por um dos luminosos.

"Você não me conhece?" gritou para o Fantasma. Achei impossível não me voltar para vê-lo. A face do espírito sólido, ele era um daqueles que usavam um manto, me deu vontade de dançar. Era tão divertida, tão fixa em sua juventude.

"Puxa vida!" falou o Fantasma. "Mal posso acreditar. Ê uma surpresa.

Não está certo, Leno, você sabe. E o coitado do Joaquim, hein?

Você parece muito satisfeito consigo mesmo, mas eu repito, e o coitado do Joaquim?"

"Ele está aqui", respondeu o outro. "Vai se encontrar com ele, se ficar."

"Mas, você o matou"

"Claro que sim. Mas está tudo bem agora."

"Tudo bem? Tudo bem para você, quer dizer. Mas, e o pobre coitado? Frio e morto?"

"Ele não está nada disso, já lhe falei. Vai encontrá-lo logo. Mandou-lhe um abraço."

"O que eu gostaria de entender", disse o Fantasma, "é o que você está fazendo aqui, todo alegre. Você, um miserável assassino, enquanto eu fiquei andando pelas ruas lá em baixo e vivendo num chiqueiro todos esses anos."

"E um pouco difícil de compreender no começo. Mas tudo acabou agora. Você vai ficar contente com o que aconteceu afinal. Até lá não precisa preocupar-se."

"Não preciso me preocupar? Não tem vergonha de dizer isso?"

“Não. Não é como pensa. Não estou pensando em mim mesmo. Eu já desisti disso. Tive de fazê-lo, sabe, depois do homicídio. Foi isso o que ele fez por mim. E foi assim que tudo começou.”

“Pessoalmente”, disse o Grande Fantasma com uma ênfase que contradizia o significado comum da palavra, “Pessoalmente, eu acho que nossos lugares foram trocados. Essa é a minha opinião pessoal.”

“É bem possível que logo aconteça isso”, respondeu o outro. “Se você parar de pensar no assunto.”

“Olhe para mim agora”, falou o Fantasma, batendo no peito (mas as batidas não fizeram ruído algum). “Sempre andei direito. Toda a minha vida. Não digo que fosse religioso ou que não tivesse defeitos, longe disso. Mas fiz o melhor que podia a vida inteira. Fiz o máximo por todo mundo, eu sempre fui assim. Nunca pedi nada a que não tivesse direito. Se queria beber pagava pela bebida e se recebia salário, trabalhava pára isso. Está vendo? Eu era assim e não me importo quem saiba disso.”

“Seria muito melhor não ficar repisando esse assunto agora.”

“Quem está repisando? Não discuto. Estou só lhe dizendo como eu era. Não estou pedindo nada senão os meus direitos. Você pensa que pode me olhar de cima só porque está vestido desse jeito (e não estava quando trabalhava comigo) e eu não passo de um pobretão. Mas tenho de ter os meus direitos do mesmo modo que você, está vendo?

“O, não. Não é tão mau assim. Não tenho direitos. Caso contrário não estaria aqui. Você também não irá obter os seus. Vai ganhar algo muito melhor. Não tenha medo.”

“E isso que estou dizendo. Não tenho direitos. E sempre fiz o meu melhor e nunca nada errado. E não vejo porque devo ser considerado inferior a um reles assassino como você.”

“Quem disse que vai? Alegre-se e venha comigo.”

“Por que continua falando desse modo? Só estou dizendo como sou. Só quero os meus direitos. Não estou pedindo piedade de ninguém.”

“Então faça justamente isso. Peça piedade. Tudo aqui é recebido quando se pede e nada pode ser comprado.”

“Isso pode ser muito bom para você, tenho certeza. Se eles deixam entrar um miserável homicida só porque ele pede piedade na última hora, isso é problema deles. Mas eu não estou no mesmo barco que você, percebe? Por que deveria? Sou um homem decente e se tivesse os meus direitos já estaria aqui há muito tempo, e pode dizer isso a eles.”

O outro sacudiu a cabeça. “Você não pode agir dessa forma”, disse.

“Os seus pés jamais ficaram bastante duros para andar na nossa grama desse modo. Ficaria cansado antes de chegarmos às montanhas.

E não é exatamente verdade, sabe?” O riso dançou em seus olhos enquanto

falava.

"O que não é verdade?" perguntou amuado o Fantasmão.

"Você não foi um homem decente e não fez o seu melhor. Nenhum de nós foi e nenhum de nós fez. Que o Senhor o abençoe, isso não tem importância. Não é preciso falar sobre isso agora."

"Você?!" gaguejou o Fantasma. "Você tem coragem de dizer que eu não fui um sujeito decente?"

"Claro. Preciso entrar em detalhes? Vou dizer-lhe uma coisa para começar. Assassinar o velho Joaquim não foi a pior coisa que fiz.

Isso foi obra de um momento e eu estava meio louco naquela hora.

Mas eu matei você em meu coração, deliberadamente, durante anos. Eu costumava ficar acordado à noite, pensando no que faria se tivesse oportunidade. Foi por isso que fui enviado a você agora: para pedir o seu perdão e ser seu servo enquanto precisar de mim, e mais ainda se lhe agradar. Eu era o pior. Mas todos os homens que trabalhavam sob as suas ordens sentiam o mesmo. Você tornava as coisas difíceis para nós. E também fez difícil a vida de sua mulher e seus filhos."

"Cuide de seus assuntos, meu jovem", falou o Fantasmão. "Nada de palavrórios, está ouvindo? Porque não vou aceitar nenhum atrevimento da sua parte sobre os meus negócios particulares."

"Não existem assuntos particulares", replicou o outro.

"E vou dizer-lhe outra coisa", falou o Fantasmão. "Pode ir embora, está ouvindo? Ë um indesejável. Posso ser um homem pobre, mas não faço amizade com assassinos, menos ainda aceitar lições deles. Fiz as coisas difíceis para você e os de sua espécie, não é? Se estivéssemos de volta lá, eu lhe mostraria o que é trabalho."

"Venha e me mostre agora", respondeu o outro com um riso na voz. "Vai ser gostoso subir as montanhas, mas haverá muito trabalho."

"Você não está pensando que vou acompanhá-lo?"

"Não recuse. Nunca chegará lá sozinho. E fui enviado a você."

"Ah! Então é esse o truque, não é?" vociferou o Fantasmão, aparentemente com amargura; mas julguei que havia uma espécie de triunfo na sua voz. Ele fora solicitado, podia recusar, e isso lhe parecia como uma vantagem.

"Pensei que devia haver algum disparate. Não passa de uma panelinha nojenta. Diga-lhes que não vou. Prefiro ir para o inferno do que acompanhar você. Vim aqui para conseguir os meus direitos e não para mendigar caridade, amarrado em seu avental. Se eles forem bons demais para ficarem comigo sem você, vou para casa."

Ele estava quase feliz agora por poder, num certo sentido, fazer ameaças. "E isso que farei", repetiu, "vou para casa. Não vim aqui para ser tratado como um cão. Vou embora. E isso que farei. Para o diabo com todos vocês."

No final, ainda resmungando, mas também choramingando um pouco

enquanto escolhia caminho sobre a grama aguçada, ele se foi.

5

Houve um momento de silêncio debaixo dos cedros e, a seguir — tum, tum, tum — ele se quebrou. Dois leões de pés de veludo surgiram no espaço aberto, com os olhos presos um no outro, e começaram uma brincadeira solene. As jubas deles pareciam ter acabado de mergulhar no rio cujo ruído eu podia ouvir muito próximo, embora as árvores o cobrissem. Não gostando de estar só, encaminhei-me para onde devia estar o rio, e depois de passar algumas moitas floridas, encontrei-o. As moitas quase chegavam até a água. Ele corria tão suave como o rio Tâmisa, mas seu curso era rápido como o de um regato de montanha: a água tinha um tom verde pálida onde as árvores se espelhavam nela, mas era tão clara que eu podia contar as pedrinhas no fundo. Ali bem perto pude ver um dos Luminosos conversando com um fantasma. Era o fantasma gordo, com a voz bem educada, que tinha falado comigo no ônibus, e ele parecia estar usando botinas.

"Meu caro, estou encantado em vê-lo", dizia ele ao Espírito, que estava nu e era de um branco ofuscante. "Estive falando com seu pobre pai outro dia e me perguntando onde você se achava."

"Você não o trouxe?" perguntou o outro.

"Não, não pude. Ele mora longe do ônibus e, para falar a verdade, está ficando meio excêntrico ultimamente. Um tanto difícil. Perdendo a garra. Ele nunca foi treinado para fazer grandes esforços, como sabe. Deve estar lembrado que costumava dormir quando nós dois começávamos a falar seriamente. Ó, Dico, acho que não vou esquecer nunca de algumas de nossas prosas. Espero que tenha mudado um pouco de opinião desde aquele tempo. Você se tornou bem bitolado no fim de sua vida; mas sem dúvida já deve ter alargado de novo a sua visão.

"O que está querendo dizer?"

"Bem, não está evidente agora, não está, que você não tinha muita razão? Olhe, meu caro, você começava a crer que havia mesmo Céu e Inferno!"

"Então não estava certo?"

"Bem, de maneira espiritual, eu ainda acredito nisso dessa forma. Eu continuo, meu amigo, procurando o Reino. Mas nada de supersticioso ou mitológico...

"Desculpe-me, mas onde você pensa que esteve?"

"Ah, compreendo. Você está querendo dizer que a cidade cinza com sua esperança continuada de amanhecer (todos temos de viver pela fé, não é mesmo?), com suas possibilidades de progresso indefinido é, num certo sentido o céu, se apenas tivermos olhos para vê-lo? Essa é uma belíssima idéia."

"Não estou absolutamente dizendo isso. Será possível que não saiba onde

esteve?”

“Agora que você está falando, acho que nunca lhe demos um nome. Como você o chamaria?”

“Nós o chamamos de Inferno.”

“Você não precisa ser profano, rapazinho. Posso não ser muito ortodoxo, no sentido que você dá a essa palavra, mas penso que esses assuntos devem ser discutidos com simplicidade, seriedade e reverência.”

“Discutir o inferno com reverência?” Quis dizer exatamente o que disse. Você esteve no inferno, embora possa chamá-lo de Purgatório se não tiver de voltar.”

“Continue, meu caro, continue, isso é bem seu. Sem dúvida vai dizer-me, porque fui enviado para lá, na sua opinião. Não estou zangado.”

“Mas, você não sabe? Foi enviado para lá porque é um apóstata.”

“Está falando sério, Dico?”

“Claro.”

“A coisa é pior do que eu pensava. Você acha realmente que as pessoas são castigadas pelas suas opiniões sinceras? Mesmo supondo, numa hipótese, que essas opiniões fossem erradas?”

“Você acha que não existem pecados do intelecto?”

“Claro que sim, Dico. Existem os preconceitos, a desonestidade intelectual, a timidez e a estagnação. Mas as opiniões sinceras, seguidas sem medo, isso não é pecado!”

“Sei que falávamos assim. Eu tinha a mesma opinião até perto do fim da minha vida quando me tornei o que você chama de bitolado. Tudo depende do fato do que sejam opiniões, sinceras.

“As minhas certamente eram. Elas não só eram sinceras como heróicas. Eu as confirmava sem medo. Quando a doutrina da ressurreição deixou de fazer sentido às faculdades críticas que me foram concedidas por Deus, eu a rejeitei abertamente. Preguei meu famoso sermão. Desafiei todo o cabido. Aceitei todos os riscos.”

“Que risco? O que resultaria disso tudo a não ser o que realmente aconteceu: popularidade, seus livros transformados em ‘best-sellers’, convites, e afinal um bispado?”

“Dico, isso não é digno de você. O que está sugerindo?”

“Amigo, não faço qualquer sugestão. Veja, eu agora sei. Vamos ser francos. Nossas opiniões não vieram de maneira honesta. Nós simplesmente entramos em contato com uma certa corrente de idéias e mergulhamos nela por ser moderna e estar tendo sucesso.

Na faculdade, como sabe, começamos automaticamente a escrever o tipo de trabalho que alcançava boas notas e a dizer a espécie de coisas que arrancavam aplausos. Quando, em toda a nossa vida enfrentamos sinceramente, a sós, a única pergunta para a qual tudo se voltava: se, no final das contas, o sobrenatural não

poderia de fato ocorrer? Quando resistimos sequer por um momento à perda de nossa fé?"

"Se está dizendo tudo isso para traçar a origem da teologia liberal de maneira genérica, respondo que não passa de uma simples calúnia. Você está sugerindo que homens como..."

"Não estou generalizando. Não falando de mais ninguém, mas de nós dois. Por amor à sua alma, lembre-se. Você sabe que nós jogávamos com dados viciados. Não queríamos que o outro fosse sincero. Tínhamos medo da salvação sem disfarces, temíamos um rompimento com o espírito da época, sentíamos aversão pelo ridículo, e (acima de tudo) tínhamos medo de nossos temores e esperanças espirituais".

"Não nego absolutamente que os jovens possam cometer erros. Eles podem ser influenciados por correntes modernas de pensamento. Mas não se trata de como as opiniões se formam. O ponto está em que eram minhas idéias expressas com sinceridade."

"Isso é claro. Deixando-nos arrastar, sem resistência, sem orar, aceitando toda solicitação quase inconsciente de nossos desejos, chegamos a um ponto em que não mais críamos na Fé. Da mesma forma, o homem invejoso, que está à deriva e não resiste, chega ao ponto em que acredita em mentiras a respeito de seu melhor amigo.

O bêbado chega ao ponto em que (no momento) ele acredita realmente em que outro copo não lhe fará mal. As crenças são sinceras no sentido de ocorrerem como acontecimentos psicológicos na mente do homem. Se é isso que você julga ser sinceridade, elas são sinceras, e também as nossas o foram. Mas os erros sinceros nesse sentido não são inocentes."

"Daqui a pouco você estará justificando a Inquisição!"

"Pôr quê? Pelo fato de a Idade Média ter errado numa direção, quer dizer então que não se pode errar na direção oposta?"

"Ora, ora, isso é extremamente interessante", disse o Fantasma Episcopal. "E um ponto de vista. Com certeza um ponto de vista. Mas, nesse meio tempo..."

"Não existe meio tempo", replicou o outro. "Tudo acabou. Não estamos mais jogando. Estive falando no passado (o seu e o meu) para que possa afastar-se dele para sempre. Um puxão e o dente sai. Você pode começar como se nada tivesse saído errado. Puro como a neve. Tudo isso é verdade, fique sabendo. Ele está em mim, para você, com esse poder. E vim de muito longe para encontrá-lo. Você viu o inferno, está à vista do céu. Quer, agora, arrepender-se e crer?"

"Não estou certo de que entendi bem o que você está querendo dizer", falou o Fantasma.

"Não estou tentando destacar ponto algum", disse o Espírito. "Estou lhe dizendo para arrepender-se e crer."

"Mas, meu caro, eu já creio. Nós podemos não concordar em tudo, mas você

tem uma opinião completamente errada a meu respeito se não tiver compreendido que minha religião é algo muito real e muito precioso para mim."

"Muito bem," disse o outro, como se tivesse mudado de plano.

"Crerá em mim?"

"Em que sentido?"

"Virá comigo às montanhas? Vai doer no começo, até que seus pés endureçam. A realidade é dura para os pés das sombras. Mas, virá?"

"Bem, essa é uma idéia. Estou perfeitamente disposto a considerá-la. Naturalmente precisarei de algumas garantias...

Quero ter a certeza de que me levara a um lugar ande encontrarei uma esfera mais ampla de utilidade — e campo para os talentos que Deus me concedeu — assim como uma atmosfera de livre pesquisa — em resumo, tudo o que consideramos civilização e... bem... vida espiritual."

"Não", respondeu o outro. "Não posso prometer nada disso. Não haverá esfera de utilidade: você não é absolutamente necessário ali. Nenhum campo para os seus talentos: somente perdão por tê-los pervertido. Nenhum ambiente favorável à livre pesquisa, pois vou levá-lo ao país das respostas e não das perguntas, e você verá a face de Deus."

"Ah! Mas é preciso que todos interpretemos essas lindas palavras à nossa moda! Para mim não existe algo como uma resposta final.

O vento livre da pesquisa deve sempre continuar soprando através da mente, não é mesmo? 'Prove todas as coisas'... viajar na expectativa é melhor do que chegar."

"Se isso fosse verdade, e se se soubesse que era verdade, como poderia alguém viajar na esperança de algo? Nada haveria a ser esperado."

"Mas, você deve compreender que a idéia de finalidade é um tanto sufocante. A estagnação, meu caro, o que destrói mais a alma do que a estagnação?"

"Você pensa assim porque até agora só experimentou a verdade com o intelecto, que é abstrato. Vou levá-lo ao lugar onde poderá prová-la como o mel e ser abraçado por ela como um noivo. Sua sede será satisfeita."

"Veja bem. Não percebo em mim qualquer sede por uma verdade já pronta que põe um fim à atividade intelectual da forma que você está descrevendo. Será que terei liberdade de mente, Dico? Devo insistir nisso, você sabe."

"Livre, como o homem é livre para beber enquanto está bebendo, mas ele não continua livre para ficar sóbrio." O Fantasma refletiu um pouco. "Não consigo entender essa idéia", disse então.

"Você desviou-se muito. A sede foi feita para a água; a pesquisa para a verdade. O que você agora chama de liberdade de indagação tem tanto a ver com o propósito para o qual recebeu inteligência quanto a masturbação tem a ver com o casamento."

“Se não pudermos ser reverentes, pelo menos não temos necessidade de sermos obscenos. A sugestão de que devo voltar em minha idade à curiosidade simplesmente fatual da infância me parece grotesca. Em todo caso, esse conceito de perguntas e respostas só se aplica a fatos. As questões religiosas e especulativas acham-se certamente num outro nível.”

“Nada sabemos de religião aqui: só pensamos em Cristo. Nada sabemos de especulação. Venha e veja. Vou levá-lo ao Fato Eterno, o Pai de todos os fatos.”

“Eu me oponho absolutamente à descrição de Deus como “fato”.

O Supremo Valor seria certamente uma descrição mais adequada.

E bem pouco...

“Você nem sequer acredita que Ele existe?”

“Existe? O que significa a Existência? Você continua insinuando uma espécie de realidade estática, já feita, que está, por assim dizer, “lá”, e à qual nossas mentes precisam apenas conformar-se. Esses grandes mistérios não podem ser abordados assim. Se fosse desse modo, meu rapaz (e não me interrompa agora), francamente, eu não estaria interessado. Não haveria um significado religioso. Deus, para mim, é algo puramente espiritual. O espírito de doçura, luz, tolerância e, bem, serviço, Dico, serviço. Não podemos esquecer-nos disso, você sabe.”

“Se a sede da Razão estiver realmente morta...”, — disse o Espírito, e depois parou conto se refletindo. A seguir, falou:

“Ouça!” falou o Espírito Branco. “Você já foi criança. Você já soube o propósito da pesquisa. Houve tempo em que fez perguntas porque queria respostas, e ficava alegre quando de súbito as encontrava. Volte a ser de novo essa criança, mesmo agora.”

“Ah, mas quando me tomei homem deixei de lado as coisas de menino.”

“Será que você pode ainda, pelo menos, desejar a felicidade?”

“A felicidade”, meu caro fico, falou placidamente o Fantasma, “a felicidade, como verá quando ficar mais velho, está no caminho do dever. O que me faz lembrar... Puxa, quase ia me esquecendo.

Não posso de modo algum ir com você. Tenho de estar de volta na próxima sexta-feira para ler um trabalho. Temos uma Sociedade Teológica lá em baixo. O, sim, temos bastante atividade intelectual.

Talvez não de uma qualidade muito elevada, pois é possível notar certa falta de garra, certa confusão de mente. Ë justamente aí que posso ser útil a eles. Existem sentimentos de inveja lamentáveis.

Não sei por quê, mas os gênios parecem mais incontroláveis do que antes. Mas, não se pode esperar grande coisa da natureza humana.

Penso que posso fazer muito entre eles. Mas, você não me perguntou o tema do meu trabalho! Vou falar do crescimento até a medida da estatura de Cristo, e explorarei uma idéia que estou certo vai interessá-lo. Discorrerei sobre como as pessoas sempre se esquecem de que Jesus (e o Fantasma fez aqui uma inclinação)

era comparativamente jovem quando morreu.

"Ele teria mudado alguns de seus pontos de vista, se tivesse vivido, você sabe. Como poderia ter feito, com um pouco mais de tato e paciência. Vou pedir aos ouvintes que considerem quais poderiam ter sido as idéias dele mais tarde. Uma questão profundamente interessante. Que cristianismo diferente teríamos tido se apenas o seu Fundador tivesse alcançado toda a sua estatura! No final salientarei como isto dá um sentido de profundidade ao significado da Crucifixão. Sente-se pela primeira vez que desastre isso representou.

Que perda trágica... tanta promessa cortada tão cedo. Oh, você já precisa ir? Eu também. Adeus, meu caro. Foi um grande prazer. Uma experiência estimulante e desafiadora. Adeus. Adeus. Adeus."

O Fantasma balançou a cabeça e sorriu radioso para o Espírito, com um ar alegre e clerical — ou com a melhor imitação possível quando feita por lábios insubstanciais — e depois se afastou cantarolando baixinho: "Cidade de Deus, vasta e longínqua."

Mas não fiquei a observá-lo por muito tempo, pois uma nova idéia acabara de ocorrer-me. Se a grama era dura como pedra, pensei, a água não seria também dura o bastante para andar por cima dela? Pus um pé na mesma e ele não afundou. No minuto seguinte corajosamente pisei na superfície. Caí de rosto para baixo imediatamente e me machuquei. Tinha esquecido de que apesar de ser sólida para mim, ela continuava porém correndo rapidamente. Quando me levantei, achava-me a cerca de dois metros do lugar em que deixara a margem. Porém isto não me impediu de andar em direção contrária à corrente, mas me fez ver que mesmo andando muito depressa fazia pouco progresso.

6

A frescura da água limpa era deliciosa para os meus pés e andei por ela cerca de uma hora, adiantando-me talvez uns vinte metros.

Depois me vi em dificuldade. A corrente ficou mais rápida. Grandes flocos ou ilhas de espuma vieram em minha direção, ferindo-me as canelas como se fossem pedras, se não saísse da frente. A superfície tomou-se desigual, enrolando-se em orifícios e braços de água muito belos, que deformavam a aparência das pedras no fundo e me tiravam o equilíbrio, até que tive de fugir para a margem. Mas como estas naquele lugar fossem feitas de pedras grandes e achatadas, pude continuar minha jornada sem machucar os pés. Um rumor imenso, mas melodioso, vibrava através da floresta. Horas mais tarde virei uma curva e descobria explicação.

Diante de mim, rampas verdes formavam um amplo anfiteatro, encerrando um lago espumante e cheio de vida, no qual, sobre rochas coloridas, jorrava uma cascata. De novo percebi que alguma coisa havia ocorrido com os meus sentidos, pois recebiam agora impressões que normalmente teriam excedido a sua capacidade.

Na terra, uma queda de água assim não poderia ter sido percebida em conjunto; era demasiado grande. O som que ela fazia teria criado o terror na floresta numa área de 30 quilômetros ao redor. Aqui, depois do primeiro choque, minha sensibilidade “aceitou” como um navio bem construído aceita um vagalhão. Exultei, O barulho, embora enorme, era como o riso de um gigante: com a algazarra de um grupo de gigantes, dançando, rindo, cantando, gargalhando com os seus trejeitos.

Junto ao ponto em que a catarata mergulhava no lago crescia uma árvore. Molhada pelos respingos, meio oculta nos arcos de espuma, brilhando com os inúmeros e luzentes pássaros que voavam em seus ramos, ela se erguia em muitas formas de folhagem crespa, enorme como uma grande nuvem. Em toda parte maçãs de ouro podiam ser vislumbradas entre as folhas.

Minha atenção foi repentinamente desviada por uma aparição curiosa no fundo da cena. Um espinheiro, a menos de dezoito metros, parecia estar se comportando de modo esquisito. Vi depois que não era o espinheiro, mas logo que se achava junto a ele, a seu lado. Afinal compreendi que era um dos Fantasmas. Ele estava abaixado, como se escondendo de alguma coisa para além do espinheiro, e olhava para mim, fazendo sinais. Continuou fazendo gestos, para que me abaixasse. Como não pude ver qual era o perigo, fiquei firme.

Depois de olhar em todas as direções, o Fantasma eventualmente se aventurou a sair de trás do espinheiro. Ele não podia adiantar-se depressa por causa da grama pontiaguda debaixo de seus pós, mas dirigia-se o mais rapidamente possível para uma outra árvore.

Ali ele parou de novo, encostando-se ao tronco como se estivesse querendo esconder-se. Como a sombra dos ramos o cobria melhor agora, pude vê-lo mais claramente, era meu companheiro do chapéu coco, aquele a quem o Fantasmão chamara de Oto. Após ter ficado de pé junto à árvore, tomando fôlego, por cerca de dez minutos, e feito um reconhecimento cuidadoso do terreno à sua frente, ele deu unia corrida até outra árvore da forma que lhe foi possível. Desse modo, com infinito trabalho e cuidado, ele alcançou a grande Árvore em cerca de uma hora. Isto é, chegou a uns nove metros da mesma.

Parou então ali. Ao redor da árvore crescia um cinturão de lírios: um obstáculo insuperável para o Fantasma. Ele poderia ter mais sorte tentando esmagar uma armadilha anti-tanque do que andar sobre eles. O Fantasma abaixou-se e tentou rastejar por entre os lírios, mas eles cresciam muito próximos uns dos outros e não se curvavam. Durante todo esse tempo ele parecia perseguido pelo medo de ser descoberto. A cada sopro do vento, parava e se encolhia; certa hora, com o grito de um pássaro, voltou lentamente ao seu derradeiro esconderijo. O desejo, porém, o espicaçou de novo e engatinhou outra vez em direção à Arvore. Eu o vi apertar as mãos e contorcer-se na agonia da sua frustração.

O vento parecia aumentar. Vi o Fantasma torcer as mãos e colocar o dedo na boca cruelmente picado, não tenho dúvidas, entre dois caules dos lírios quando a brisa os fazia ondular. Veio então uma verdadeira rajada. Os ramos da árvore começaram a mover-se. Um momento depois meia dúzia de maçãs caíram em volta do Fantasma e sobre ele. Ele deu um grito que estancou na mente. Pensei que o peso do fruto dourado ao cair-lhe em cima o tinha machucado, e foi certamente isso, pois não pôde levantar-se por alguns minutos. Ficou ali gemendo, alisando os ferimentos. Logo a seguir começou de novo a trabalhar. Eu podia vê-lo, tentando febrilmente encher os bolsos de maçãs. Como é natural, tudo foi inútil. Podia-se observar como a sua ambição foi gradualmente forçada a diminuir.

Desistiu da idéia de muitos frutos, dois seriam o suficiente. Desistiu também de dois, levaria um só, o maior. Essa esperança também se foi. Procurava agora o menor. Estava tentando descobrir se havia algum, pequeno o bastante para ser carregado.

O surpreendente é que conseguiu. Quando me lembrei do peso da folha ao tentar carregá-la, não pude deixar de admirar aquela infeliz criatura quando o vi levantar-se com dificuldade, tendo nas mãos a menor de todas as maçãs. Ele estava coxeando por causa dos ferimentos e o peso o fazia dobrar-se em dois. Todavia, mesmo assim, milímetro por milímetro, ainda se aproveitando de tudo que pudesse ocultá-lo, ele seguiu na sua via dolorosa em direção ao ônibus, levando consigo a sua tortura.

“Tolo. Coloque-a no chão”, disse de repente uma grande voz. Era diferente de toda e qualquer outra voz que eu ouvira até então. Era uma voz poderosa, entretanto líquida. Com uma certeza espantosa, eu soube que a própria catarata

estava falando. Vi então (embora não deixasse de parecer uma cascata) que era um anjo brilhante que estava, como alguém crucificado, de pé contra as rochas e se derramava perpetuamente em direção à floresta com grande alegria.

"Tolo", disse ele, "coloque-a no chão. Não pode levá-la de volta. Não há lugar para ela no inferno. Fique aqui e aprenda a comer essas maçãs. As próprias folhas e as hastes de grama na floresta terão prazer em ensiná-lo."

Não sei se o Fantasma ouviu ou não. De qualquer forma, depois de parar por uns minutos, ele tomou novo alento a fim de enfrentar a sua agonia e continuou andando ainda com maior preocupação até que o perdi de vista.

7

Embora eu tivesse observado as desgraças do Fantasma do chapéu coco com alguma complacência, descobri, quando fomos deixados sós, que não podia suportar a presença do Gigante da Água. Ele não pareceu notar-me, mas eu comecei a ficar constrangido. Penso mesmo que havia uma indiferença aparente nos meus movimentos enquanto me pus a andar pelas rochas chatas, rio abaixo de novo.

Estava começando a ficar cansado. Olhei para os peixes prateados que pulavam no fundo do rio, e desejei que aquela água também fosse permeável para mim. Eu bem que gostaria de um mergulho.

"Pensando em ir embora" disse uma voz bem próxima. Voltei a cabeça e vi um fantasma alto, encostado numa árvore, mastigando um charuto spectral. Era o de um homem magro, calejado, de cabelos grisalhos e uma tonalidade áspera na voz, mas mostrando certa educação. O tipo de homem que instintivamente sempre considerei como digno de confiança.

"Não sei ainda", respondi. "Você vai?"

"Sim", replicou ele. "Acho que já vi tudo o que havia para ser visto".

"Não está pensando em ficar?"

"Isso tudo é propaganda", disse. "Naturalmente não havia idéia alguma de ficarmos. Você não pode comer o fruto e não pode beber a água, e leva um tempo enorme para andar sobre a grama. Nenhum ser humano poderia viver aqui. Toda essa conversa de ficar não passa de um golpe de publicidade."

"Então, por que veio?"

"Nem sei. Só para dar uma olhada. Sou do tipo de pessoa que gosta de ver as coisas com os próprios olhos. Onde quer que fosse sempre olhava tudo que aparecia. Quando fui para o Oriente, visitei Pequim. Quando...

"Como era Pequim?"

"Nada de extraordinário. Só uma parede dentro da outra. Não passa de uma armadilha para turistas. Estive em quase toda parte. As Cataratas do Niagara, as Pirâmides, o Taj Maral...

"Como era ele?"

"Nada digno de nota. Tudo não passa de um truque publicitário.

Todos dirigidos pelas mesmas pessoas. Existe um acordo, está vendo?

Um Acordo Mundial. Eles tomam de um Atlas e decidem onde vai haver um Ponto de Atração. Não importa o que escolham, qualquer coisa serve uma vez que a propaganda seja bem feita."

"E você morou — lá embaixo na cidade, por algum tempo?"

"No que eles chamam de inferno? Sim. E não passa de um fracasso também.

Eles fazem você ficar na expectativa de um fogo ardente, diabos, e toda sorte de pessoas interessantes torrando em grelhas — Henrique VII e tudo isso — mas chega ali e é como qualquer outra cidade.

"Eu gosto mais daqui" disse eu.

"Bem, não sei porque falam tanto", respondeu o Fantasma Calejado.

"Ë tão bom quanto qualquer outro parque quando se olha, e terrivelmente desconfortável."

"Parece haver uma idéia de que se a pessoa permanecer aqui acaba ficando — bem, quero dizer, mais sólida — acaba se aclimatando."

"Já ouvi tudo isso", falou o Fantasma. "A mesma mentira de sempre.

As pessoas vêm me falando disso a vida inteira. Disseram-me no berço que se fosse bom seria feliz. Na escola afirmaram que o latim ficaria mais fácil à medida que aprendesse. Depois que estava casado há um mês, algum idiota me falou que no princípio sempre surgiam dificuldades, mas com Tato e Paciência eu logo 'sossegaria' e tudo seria um mar de rosas! E através de duas guerras o que eles não disseram sobre os bons tempos que viriam se fosse um rapaz corajoso e continuasse servindo de alvo para as balas do inimigo?

Naturalmente que farão o mesmo velho jogo aqui se você for tolo o bastante para dar-lhes atenção."

"Mas, quem são 'eles'? Isto poderia ser governado por alguém diferente?"

"Uma administração completamente nova, hem? Não creia nisso!

Jamais haverá uma nova administração. Você vai sempre encontrar o velho Círculo. Já sei de tudo, querido.

A boa mamãe entrando no seu quarto e extraindo de você tudo o que ela quer saber; mas no fim se acaba descobrindo que ela e o Pai estão na mesma firma. Não descobrimos que ambos os lados em todas as guerras são dirigidos pelas Firmas de Armamento? Ou que a mesma Firma está por trás dos judeus, do Vaticano, dos ditadores e das democracias, assim como de todo o resto? Tudo isso aqui é dirigido pelos mesmos sujeitos que dirigem a Cidade. Eles estão apenas rindo de nós."

"Eu pensei que eles estavam em guerra."

"Naturalmente que pensou. Essa é a versão oficial. Mas quem já viu quaisquer indícios? Ó, sei que é assim que falam. Se existe porém uma guerra real, por que não fazem alguma coisa? Você não percebe que se a versão oficial fosse verdadeira esses camaradas daqui de cima atacariam e pulverizariam completamente a Cidade?

Eles têm força para isso. Se quisessem resgatar-nos poderiam fazê-lo. Mas evidentemente a última coisa que querem é dar um fim à sua "guerra". Todo o jogo depende em mantê-la viva.

Esta descrição do caso me pareceu lamentavelmente plausível.

Não respondi.

"De qualquer modo", disse o Fantasma, "quem quer ser salvo? O que haveria

para fazer aqui?”

“Ou lá” disse eu.

“E isso mesmo”, retrucou o Fantasma. “Eles te pegam dos dois lados.”

“O que faria se pudesse escolher?” perguntei.

“Veja só!” falou o Fantasma com uma certa nota de triunfo na voz.

“Pedindo-me para fazer um plano. A Direção é que tem o dever de descobrir alguma coisa que não nos aborreça, não é? Isso é função deles. Por que deveríamos ajudá-los? E justamente aí que todos os padres e moralistas entendem as coisas ao contrário. Eles insistem em que nós nos transformemos. Mas se o pessoal que dirige o espetáculo é tão sabido e poderoso, por que não descobrem algo adequado ao público? Toda essa baboseira de ficar mais endurecido a fim de que a grama não machuque nossos pés! Esse é um exemplo. O que você diria se fosse a um hotel em que todos os ovos estivessem estragados; e quando reclamasse com o Gerente, em lugar de desculpar-se e mudar de produtor, ele lhe dissesse que mediante um pequeno esforço você viria a gostar de ovos podres com o tempo?”

“Bem, preciso ir embora”, disse o Fantasma, depois de uma pequena pausa. “Vai para o mesmo lado?”

“Não me parece que haja proveito algum em acompanhá-lo”, repliquei.

Uma grande depressão me envolvera. “E pelo menos aqui não está chovendo.”

“Não no momento”, disse o Fantasma Calejado. “Mas nunca vi uma dessas manhãs brilhantes que não trouxesse chuva mais tarde. E, nossa, quando chove aqui...! Ah, você não tinha pensado nisso?

Não lhe ocorreu que com o tipo de chuva que existe aqui cada gota fará um buraco em você, como o de um tiro de metralhadora? Essa é a piada deles. Eles o atormentam com um solo em que não pode caminhar e água que não pode beber e depois o deixam todo cheio de buracos. Mas não vão me apanhar.”

Minutos mais tarde ele se foi.

8

Eu continuava sentado sobre uma pedra junto ao rio, sentindo-me mais miserável do que nunca em minha vida. Até aquele momento não me ocorrera duvidar das intenções do Povo Sólido, nem questionar a bondade essencial do seu país, embora fosse um lugar onde não devesse permanecer por muito tempo. Na verdade cruzara-me a mente a idéia de que se esse Povo Sólido não fosse tão benevolente como eu ouvira um ou dois deles alegarem, eles poderiam ter feito algo para ajudar os habitantes da Cidade — algo mais do que encontrá-los na planície. Uma terrível explicação me veio de repente.

E se não quisessem na verdade fazer-nos bem algum? E se toda essa viagem fosse permitida aos Fantasmas apenas para zombar deles? Mitos e doutrinas terríveis se agitaram em minha memória.

Pensei em como os deuses tinham castigado Tântalo. Lembrei-me do lugar no Livro de Apocalipse onde está escrito que a fumaça do inferno sobe para sempre à vista dos espíritos abençoados. Também me lembrei do pobre Cowper, ao sonhar que não estava afinal de contas condenado à perdição, soube imediatamente que o sonho era falso e disse: “Essas são as setas mais agudas na sua aljava.”

E o que o Fantasma Calejado comentara sobre a chuva era claramente verdade. Até mesmo um chuvisqueiro de gotas de orvalho caindo de um ramo poderia partir-me em pedaços. Não pensara nisso antes. E com quanta facilidade poderia ter-me aventurado na espuma da cascata!

A sensação de perigo, que jamais se ausentara desde que eu tinha saído do ônibus, despertou urgente. Olhei ao meu redor para as árvores, as flores, a catarata falante: todas começaram a parecer-me insuportavelmente sinistras. Insetos brilhantes voavam daqui e dali. Se um deles me tocasse o rosto, não me atravessaria? Se pousasse em minha cabeça, não me esmagaria contra o solo? O terror sussurrou: “Isto não é lugar para você.” Lembrei-me dos leões.

Sem qualquer plano claro em mente, levantei-me e comecei a me afastar do rio na direção em que as árvores estavam mais próximas umas das outras. Não tinha ainda decidido se voltaria ou não ao ônibus, mas queria evitar lugares abertos. Se me fosse dado apenas encontrar um traço de evidência de que um Fantasma pudesse realmente ficar — que a escolha não era unicamente uma comédia cruel — não voltaria. Nesse meio tempo continuei andando cautelosamente e mantendo-me alerta. Em cerca de meia hora cheguei a uma pequena clareira com alguns arbustos no centro. Quando parei, perguntando-me se teria coragem para cruzá-la, percebi que não estava só.

Um Fantasma atravessou coxeando a clareira, tão rápido quanto possível

naquele solo desigual olhando por sobre o ombro como se estivesse sendo perseguido. Vi que tinha sido uma mulher: uma mulher bem vestida, pensei, mas suas sombras de elegância pareciam espectrais na luz da manhã. Ela se dirigia aos arbustos, mas não podia na verdade esconder-se neles, pois os ramos e as folhas eram duros demais; mas aproximou-se tanto quanto pôde. Parecia acreditar que se achava bem escondida.

Logo a seguir ouvi o som de pés, e um dos Iluminados surgiu.

Sempre se notava ali aquele som, pois nós Fantasmas não fazíamos qualquer ruído ao andar.

"Vá embora!" esganiçou ela. "Vá embora! Não está vendo que quero ficar sozinha?"

"Mas você precisa de ajuda", replicou o Sólido.

"Se você ainda possui qualquer traço de decência", disse, "vai ficar de longe. Não quero ajuda. Quero ficar só. Vá embora. Sabe muito bem que não posso andar depressa nestes horríveis sapatos ferrados. E terrível aproveitar-se disso."

"Ó, não se preocupe!" falou o Espírito. "Logo isso acaba. Mas você está indo na direção errada. E lá atrás, nas montanhas, que precisa ir. Pode apoiar-se em mim o caminho todo. Não posso carregá-la, mas não precisará fazer qualquer força com os pés, e a cada passo sentirá menos dor."

"Não tenho medo de sentir dor. Você sabe."

"Então qual é o problema?"

"Você não entende nada? Supõe realmente que vou aparecer para toda aquela gente, deste jeito?"

"E por que não?"

"Eu nunca teria vindo se soubesse que vocês estariam todos vestidos assim."

"Amiga, veja, não estou absolutamente vestido."

"Não quis dizer isso. Por favor, vá embora."

"Mas, você não pode sequer dizer o motivo?"

"Se não compreende, não adiantaria nada qualquer explicação de minha parte. Como posso aparecer assim entre uma porção de pessoas com corpos sólidos reais? É muito pior do que exibir-me despida na terra. Ver todo mundo olhando através de mim."

"O, entendo. Mas todos nós éramos meio fantasmais quando chegamos. Isso passa. Venha e experimente."

"Mas eles vão me ver."

"E o que tem isso?"

"Prefiro morrer."

"Mas você já morreu. Não adianta ignorar isso."

A Mulher-Fantasma fez um ruído, algo entre um soluço e um grunhido.

"Gostaria de nunca ter nascido", disse. "Para que nascemos?"

"Para a infinita felicidade", replicou o Espírito. "Você pode entrar nela a

qualquer momento...”

“Mas eu lhe digo, eles vão me ver.”

“Daqui a uma hora você nem se lembrará disso. Mais um dia e se rirá dessa idéia. Lembra-se que na terra — havia coisas demasiado quentes para tocar com o dedo, mas você podia bebe-las muito bem? A vergonha é assim. Se aceitá-la, se beber o cálice até o fim, verá que é muito nutritivo, mas tente fazer qualquer outra coisa e ficará escaldado.

“Acha mesmo?” perguntou ela, pausando a seguir. Fiquei num suspense quase insuportável. Senti que meu próprio destino dependia daquela resposta. Poderia ter caído a seus pés e rogado que cedesse.

“Sim”, disse o Espírito. “Venha e veja.”

Pensei que ela lhe tivesse obedecido. Com certeza se movera; mas de repente exclamou: “Não, não posso. Digo-lhe que não posso.

Por um momento, enquanto você falava, quase pensei... mas quando chega o ponto... Você não tem direito de pedir-me isso. É repugnante. Jamais me perdoaria se fizesse. Nunca, nunca. Não é justo. Deveriam ter-nos avisado, e não teria vindo. E agora — por favor, vá embora!”

“Amiga”, falou o Espírito, “será que pode, apenas por um momento, fixar a mente em algo que não seja você mesma?”

“Já dei minha resposta”, disse com frieza, mas ainda em lágrimas.

“Resta então uma única coisa”, replicou o Espírito, e para minha grande surpresa ele pôs uma corneta nos lábios e soprou. Tapei os ouvidos. A terra pareceu tremer, toda a floresta tremeu e vibrou àquele som. Suponho que deve ter havido uma pausa depois disso (embora não parecesse ter havido nenhuma) até que eu ouvisse o som de cascos ao longe a princípio, mas já próximo antes que pudesse identificá-lo, e logo tão perto que comecei a procurar um abrigo seguro. Antes de tê-lo encontrado o perigo caiu sobre nós.

Uma manada de unicórnios surgiu na clareira fazendo um barulho atroador: vinte e sete palmos de altura o menor deles e brancos como cisnes, a não ser pelo brilho avermelhado dos olhos e narinas e o azul escuro brilhante dos chifres. Posso ainda lembrar-me do som da relva molhada sob os seus cascos, dos ramos quebrados, do resfolegar e relinchar; como as suas pernas traseiras subiam e as cabeças cornudas se abaixavam num arremedo de batalha.

Mesmo então me perguntei para que verdadeira batalha poderiam estar ensaiando. Ouvi a Mulher-Fantasma gritar, e penso que correu para longe dos arbustos... talvez em direção ao Espírito, mas não sei ao certo, pois meus nervos falharam e fugi, não me importando no momento o que estava para acontecer. Não pude ver então o fim daquela entrevista.

9

“Aonde você vai?” Perguntou uma voz com um forte acento escocês.

Parei e olhei. O barulho dos unicórnios já se dissipara há muito e minha fuga me levara ao campo aberto. Vi as montanhas onde o alvorecer era imutável, e no primeiro plano dois ou três pinheiros sobre um pequeno outeiro com algumas rochas grandes e lisas, e urzes. Sobre uma das rochas achava-se sentado um homem muito alto, quase um gigante, com uma barba ondulada. Eu não tinha ainda olhado de perto um dos Sólidos. Agora, quando fiz isso, descobri que os vemos com uma espécie de visão dupla. Ali estava um deus entronizado e brilhante, cujo espírito eterno pesava sobre o meu como uma carga de ouro sólido. No entanto, naquele mesmo momento, eu via um homem idoso, batido pelo tempo, alguém que poderia ter sido um pastor um homem tal como os turistas consideram simples por ser honesto e os vizinhos acham que é “profundo” pela mesma razão. Seus olhos tinham aquela expressão de quem vê longe por ter vivido por muito tempo nos espaços abertos e solitários; e de alguma forma divisei a rede de rugas que deveria tê-los rodeado antes que o novo nascimento o tivesse lançado à imortalidade.

“Não sei bem”, respondi.

“Você pode sentar-se para conversar, então”, disse ele, dando-me lugar na pedra.

“Não o conheça, senhor”, falei, tomando lugar ao seu lado.

“Meu nome é George”, respondeu. “George Mac Donald.”

“O!” exclamei. “Pode então dizer-me. Pelo menos não vai enganar-me.” Supondo então que tais expressões de confiança precisavam ser explicadas, tentei, tremendo, contar-lhe tudo o que seus escritos tinham feito por mim. Procurei falar sobre certa tarde gelada numa estação de trens quando comprei uma cópia de sua obra Phantastes (eu tinha na época cerca de dezesseis anos) que foi para mim o que a primeira visão de Beatriz foi para Dante: Este é o começo da Nova Vida. Passei a confessar quanto tempo essa Vida permanecera apenas na imaginação: como lentamente e com relutância viera a admitir que o seu cristianismo tinha uma ligação mais do que acidental com ela, como tentara duramente não ver que o verdadeiro nome da qualidade que o primeiro se defrontou comigo em seus livros era Santidade. Ele colocou a mão sobre a minha e me fez parar.

“Filho”, disse ele, “O seu amor — todo amor — tem um valor indizível para mim. Mas pode poupar-me um tempo preciso (e ele nessa hora pareceu realmente um escocês) se eu lhe disser que já tenho perfeito conhecimento desses detalhes biográficos. De fato, percebi que sua memória o trai em um ou dois pontos.”

“Oh!” disse eu, e fiquei calado.

“Você tinha começado”, falou meu Professor, “a tratar de algo mais proveitoso.”

“Senhor”, respondi, “tinha quase me esquecido, e não me preocupo com a resposta agora, embora esteja ainda curioso sobre uma coisa. Trata-se desses Fantasmas. Algum deles fica? Podem ficar? Existe realmente uma opção para eles? Como chegam aqui?”

“Você nunca ouviu falar do Refrigério? Um homem com as suas vantagens poderia tê-lo lido em Prudêncio, para não mencionar Jeremy Taylor.”

“O nome me soa familiar, senhor, mas acho que esqueci do seu significado.”

“Significa que os condenados têm feriados — excursões, você compreende.”

“Excursões a este país?”

“Para aqueles que quiserem fazê-las. Naturalmente a maioria dessas tolas criaturas não quer. Preferem viajar de volta para a terra. Vão e enganam as parvas mulheres chamadas médiuns. Vão para lá e tentam apossar-se de alguma propriedade que antes lhes pertenceu, e é assim que surgem as casas mal assombradas. Ou vão espreitar os seus filhos. Os fantasmas literatos ficam rondando as bibliotecas públicas para ver se alguém lê os seus livros.”

“Mas se vierem aqui, podem realmente ficar?”

“Naturalmente. Você deve ter ouvido que o imperador Trajano fez isso.”

“Mas, não entendo. O juízo não é final? Existe mesmo um meio de sair do inferno e ir para o céu?”

“Isso depende da maneira como você usa as palavras. Se eles deixarem para trás aquela cidade cinza não terá sido o Inferno. Para quem quer que a deixe, ela é o Purgatório. E talvez seja melhor você não chamar este país de Céu. Não Céu Profundo, compreende?”

(E aqui ele sorriu para mim.) “Pode chamá-lo de Vale da Sombra da Vida. Entretanto, para os que ficam aqui terá sido Céu desde o princípio. E pode chamar aquelas ruas tristes na cidade lá longe de Vale da Sombra da Morte: mas para os que ali permanecem terão sido inferno desde o começo.”

Suponho que viu que eu parecia confuso, pois continuou.

“Filho”, disse, “no seu estado atual você não pode compreender a eternidade: quando Anodos olhou através da porta do Eterno ele não levou de volta qualquer mensagem. Mas você pode obter uma semelhança dela se disser que tanto o bem como o mal, quando plenamente desenvolvidos, se tornam retrospectivos. Não só este vale, mas todo o seu passado terreno terá sido Céu para os que são salvos. Não só o crepúsculo naquela cidade, mas toda a sua vida na terra também, será vista então pelos condenados como sendo o Inferno. É isso que os mortais não entendem. Eles dizem a respeito de um sofrimento temporário: ‘Nenhuma bênção futura poderá compensar-me disso’, sem saber que o Céu, uma vez alcançado, irá operar retroativamente e transformar até mesmo essa agonia em glória. E quanto a algum prazer pecaminoso dizem: ‘Deixe-me ter apenas isso, e aceito as conseqüências’:

sem ter idéia de como a condenação retrocederá para o seu passado e irá contaminar o prazer do pecado. Ambos os processos começam mesmo antes da morte. O passado do homem bom passa a modificar-se de forma que seus pecados perdoados e sofrimentos lembrados tomam a qualidade do Céu; o passado do homem mau já se conforma à sua maldade e está cheio apenas de miséria. É por isso que, no fim de todas as coisas, quando o sol nascer aqui e o crepúsculo se transformar em trevas lá, os Santos dirão: 'Jamais vivemos em lugar algum exceto no Céu', e os Perdidos, 'Sempre estivemos no inferno'.

E ambos estarão falando a verdade."

"Isso não é duro demais, senhor?"

"Estou querendo dizer que esse é o sentido real das palavras deles.

Na linguagem de fato dos Perdidos, as palavras serão diferentes, sem dúvida. Alguém dirá que sempre serviu seu país, quer certo ou errado; outro afirmará que sacrificou tudo pela sua Arte; e alguns, que nunca foram enganados; e outros ainda que, graças a Deus, sempre se preocuparam com o Número Um, e quase todos, que, pelo menos, sempre foram sinceros consigo mesmos."

"E os Salvos?"

"Ah, os Salvos... o que acontece com eles é melhor descrito como o oposto de uma miragem. O que pareceu, quando entraram nele, ser o vale do infortúnio se transforma, quando olham para trás, num poço de água pura; e onde a experiência presente só divisou desertos salinos, a memória registra com veracidade que os reservatórios estavam cheios de água."

"Então os que dizem que Céu e Inferno são apenas estados de mente, estão certos?"

"Quieto", respondeu com severidade. "Não blasfeme, O inferno é um estado de mente — você jamais disse algo mais verdadeiro. E todo estado de mente, quando deixado entregue a si mesmo, todo encerrar da criatura na prisão de sua própria mente — é, afinal de contas, o inferno. Mas o céu não é um estado de mente. O céu é a própria realidade. Tudo que é realmente verdadeiro é celestial. Pois tudo que pode ser abalado será abalado e só o que é inabalável permanecerá."

"Mas, existe realmente opção depois da morte? Meus amigos católico-romanos ficariam surpresos, pois para eles as almas no Purgatório já estão salvas. E meus amigos protestantes também não gostariam nada, pois diriam que a árvore fica onde cai.

"Talvez ambos estejam certos. Não se preocupe com tais questões. Você não pode compreender por completo as relações da escolha e do tempo até que supere aos dois. E não foi trazido aqui para estudar tais curiosidades. O que deve interessa-lo é a natureza da escolha em si: e isso você pode observá-los fazendo."

"Bem, senhor", respondi, "isso também precisa ser explicado. Qual a opção feita por essas almas que voltam (ainda não vi outras)? E como podem fazer sua escolha?"

“Milton estava certo”, afirmou meu Professor. “A escolha de toda alma perdida pode ser expressa nas palavras: ‘E melhor reinar no inferno do que servir no céu’. Existe sempre algo que insistem em guardar, mesmo ao preço do sofrimento. Existe sempre algo que preferem à alegria — isto é, à realidade. Você pode observar tal coisa na criança mimada que prefere perder a brincadeira e o jantar a pedir desculpas e voltar às boas. Deram a essa atitude o nome de Zanga ou Amuo, mas na vida adulta ela possui uma centena de nomes refinados a ira de Aquiles, o orgulho de Coriolano, Vingança, Mérito e Auto-Respeito Injuriados, Grandeza Trágica e Orgulho Justo.

“Então ninguém se perde através dos vícios indignos, senhor? Mediante a simples sensualidade?”

“Alguns fazem isso, sem dúvida. O sensual, começa perseguindo um prazer real, embora pequeno. Seu pecado é pequeno. Mas chega a hora em que, embora o prazer diminui sempre e o desejo cresça cada vez mais, e embora ele saiba que a felicidade jamais é alcançada dessa forma, mesmo assim prefere à alegria a simples carícia da luxúria insaciável e não pode admitir que isso lhe seja negado. Lutaria até a morte para mantê-lo. Gostaria de poder coçar-se, mas mesmo quando não pode coçar prefere mesmo assim manter o desejo de fazê-lo.”

Ele silenciou por instantes e depois continuou.

“Compreenda, existem inúmeras formas de escolha, e algumas que jamais alguém na terra pensou que existissem. Houve uma criatura que esteve aqui há algum tempo e voltou — Sir Archibald era o seu nome. Na sua vida terrena não se interessava por nada além da simples Sobrevivência. Ele tinha escrito uma estante inteira de livros sobre o assunto, tendo começado pela filosofia mas acabando por enfronhar-se na Pesquisa Psíquica. Essa passou a ser a sua única ocupação: experimentos, palestras, publicação de revistas. Ele também viajava: desenterrando histórias fantásticas entre os Lamas do Tibete e sendo iniciado nas irmandades da África Central. Provas e mais provas, e a seguir ainda outras provas — era o que desejava. Ficava louco quando via alguém interessar-se por qualquer outra coisa. Ficou encrencado durante uma das guerras de vocês, andando para baixo e para cima do país, dizendo a todos que não deveriam lutar por ser uma perda de dinheiro que deveria ser gasto em Pesquisas. Bem, na hora oportuna a pobre criatura morreu e veio para cá: e não houve poder algum no universo que pudesse impedi-lo de ficar e ir para as montanhas. Mas você pensa que isso teve qualquer resultado positivo? Absolutamente. Este país não tinha utilidade para ele. Todos aqui já tinham “sobrevivido”.

Ninguém se interessou o mínimo pela questão. Nada havia a ser provado. Sua ocupação era inútil. Naturalmente, se tivesse admitido que se enganara, considerando os meios como um fim, e tivesse rido de si mesmo, poderia ter começado tudo de novo como uma criancinha e entrado no gozo. Mas não quis fazer isso. Pouco se importava com a alegria. No final foi-se embora.

“Que coisa fantástica!” comentei.

“Você acha?” perguntou o Professor com um olhar penetrante.

“Está mais perto disso do que pensa. Houve homens que se interessaram de tal forma em provar a existência de Deus que acabaram se desinteressando por completo do próprio Deus... como se o bom Senhor nada tivesse a fazer além de existir! Houve alguns tão ocupados em espalhar o cristianismo que jamais deram um pensamento a Cristo. Amigo! Você pode ver isso nas pequenas coisas. Você já conheceu um amante de livros que com todas as suas primeiras edições e obras autografadas tivesse perdido o poder de lê-Ias? Ou um organizador de obras de caridade que perdesse todo amor elos pobres? Trata-se da mais sutil de todas as armadilhas.”

Movido por um desejo de mudar de assunto, perguntei por que o Povo Sólido, desde que eles tinham tanto amor, não iam para o Inferno a fim de resgatar os Fantasmas. Por que se contentavam em encontrá-los na planície. Era de se esperar uma piedade mais ativa.”

“Você irá compreender isso melhor, talvez, antes de ir-se”, disse ele. “Nesse meio tempo, devo contar-lhe que eles avançaram por causa dos Fantasmas mais do que você pode compreender. Cada um de nós vive apenas para viajar cada vez mais para dentro das montanhas. Cada um de nós interrompeu essa jornada e retrocedeu distâncias incomensuráveis a fim de estar aqui hoje na simples possibilidade de salvar algum Fantasma. Naturalmente é também agradável fazer isso, mas não pode culpar-nos! E seria inútil avançar além mesmo que fosse possível. Os sãos não fariam bem algum se ficassem loucos para ajudar os loucos.”

“Mas, e os pobres Fantasmas que nem entram no ônibus?”

“Todo aquele que quer faz isso. Não se preocupe. Só há duas espécies de pessoas no final: os que dizem a Deus, ‘Seja feita a Tua vontade’, e aqueles a quem Deus diz: A tua vontade seja feita.

Todos os que estão no inferno foi porque o escolheram. Sem essa auto-escolha não haveria inferno. Alma alguma que desejar sincera e constantemente a alegria irá perdê-la. Os que buscam encontram.

Para aqueles que batem a porta é aberta.”

Fomos nesse momento interrompidos pela voz fina de um Fantasma que falava numa velocidade terrível. Olhando para trás vimos a criatura. Ela se dirigia a um dos Sólidos e estava tão envolvida no assunto que nem sequer nos notou. De vez em quando o Espírito Sólido tentava dizer algo, mas sem êxito. As palavras do Fantasma foram mais ou menos estas:

“O, meu caro, tive uma experiência terrível, não sei como cheguei aqui de modo algum, eu vinha com a Eleonora Cintra e tínhamos combinado para nos encontrar na esquina da rua Sete; deixei tudo bem claro porque sabia como ela era e já lhe dissera mil vezes que não a encontraria na porta da casa da Margarida, não depois do modo como ela havia me tratado... essa foi uma das piores coisas que me

aconteceu; tenho estado louca para contar-lhe porque sei que me dirá que agi certo; não, espere um momento, espere até que lhe conte tudo — tentei viver com ela quando cheguei e tudo estava combinado. Ela cuidava da cozinha e eu da casa, e pensei que teria um pouco de conforto depois de tudo que passara, mas ela acabou mudando tanto, completamente egoísta, e não tem sequer um pouco de simpatia por ninguém a não ser por ela mesma — e como uma vez lhe disse: 'Acho que tenho direito a certa consideração porque você pelo menos viveu sua vida, enquanto eu não deveria estar aqui ainda por anos e anos oh, mas naturalmente estou me esquecendo que você não sabe fui assassinada, simplesmente assassinada, meu caro, aquele homem nunca devia ter-me operado, eu estaria viva hoje e eles simplesmente me mataram de tome naquele terrível hospital e ninguém vinha ver-me... e...

O lamento estridente e monótono evaporou-se quando quem falava, ainda acompanhada pela paciência brilhante ao seu lado, moveu-se longe demais para ser ouvido.

"O que está preocupando você, meu filho?" perguntou meu Professor.

"Estou preocupado, senhor, porque essa infeliz criatura não me parece ser do tipo que devesse sequer estar em perigo de condenação. Ela não é perversa. Não passa de uma velha tola, faladeira, que adquiriu o hábito de queixar-se, e acho que um pouco de bondade, descanso e mudança de ambiente a deixariam em ordem."

"Ela foi justamente isso antes. Talvez seja o que continua sendo. Se for assim, com certeza vai curar-se. Mas, a questão toda é se ela é agora uma resmungona."

"Não parece haver dúvidas quanto a isso!"

"Certo. Mas você não me compreendeu. A questão é se ela é uma resmungona, ou apenas um resmungo. Se existir uma mulher real — pelo menos vestígios dela — ainda ali, dentro do resmungo, poderá voltar de novo à vida. Se houver apenas uma pequena centelha sob todas aquelas cinzas, iremos soprá-la até que toda a pilha fique vermelha e clara. Mas se nada houver senão cinzas, não iremos soprá-las em nossos olhos para sempre. Elas precisam ser varridas."

"Mas, como pode haver um resmungo sem um 'resmungão?"

"Toda dificuldade em entender o inferno é que a coisa a ser compreendida é quase Nada. Mas você deve ter tido experiências... começa com uma disposição para queixar-se, e você está ainda distante dela: talvez até mesmo a critique. De repente, num momento sombrio, você pode desejar essa disposição, abraçá-la, Pode arrepender-se e sair dela. Mas chegará o dia em que não mais terá condições para isso. Então nada restará de você para criticar a disposição, nem mesmo apreciá-la, mas apenas o resmungo, ele mesmo, funcionando como uma máquina. Mas, venha! Você está aqui para observar, e ouvir. Apóie-se no meu braço e daremos um passeio."

Obedeci. Apoiar-me no braço de alguém mais velho do que eu era uma experiência que me fazia voltar aos tempos de infância. Com o apoio dele consegui

andar bem; tanto assim que fiquei persuadido que meus pés já estavam se tornando mais sólidos, até que ao olhar as pobres formas transparentes me convenci que tudo era devido ao braço forte de meu Professor. Talvez fosse por causa da presença dele que todos os meus outros sentidos também pareciam mais vivos.

Eu percebia no ar aromas até então despercebidos, e o campo se apresentava mais belo. Havia água em toda parte. Longe, na floresta, podíamos vislumbrar veados que passavam e, certa vez, uma pantera de pêlo lustroso achegou-se ronronando a meu companheiro.

Vimos também muitos Fantasmas.

Acho que o que mais inspirou-me compaixão foi o fantasma de uma mulher. O problema dela era justamente oposto àquele que afligia a outra, a dama aterrorizada pelos unicórnios. Esta parecia completamente alheia à sua aparência espectral. Vários Sólidos tentaram falar-lhe, e no começo não compreendi a atitude dela para com eles. Parecia estar contorcendo seu rosto quase invisível e seu corpo de fumaça tremia todo, de maneira incompreensível. Cheguei no final à conclusão incrível como pareça — que ela supunha ser ainda capaz de atrair os homens e estava tentando fazê-lo. Tornara-se uma coisa completamente incapaz de conceber a conversa a não ser como um meio para esse fim. Se um cadáver já quase decomposto tivesse levantado do caixão, borrado as gengivas com batom e tentado seduzir alguém, o resultado não poderia ser mais espantoso. No final ela murmurou: "Criaturas estúpidas", e voltou para o ônibus.

Isto me fez perguntar ao meu Professor o que ele pensava do caso dos unicórnios. "Pode ser que tenha tido bom êxito", respondeu. "Você deve ter percebido que ele queria assustá-la; não que o medo em si pudesse fazer com que ela fosse menos um Fantasma, mas afastou por um momento sua mente de si mesma, e nesse meio tempo, poderia haver chance. Eu já os vi serem salvos desse modo."

Encontramos vários Fantasmas que tinham chegado tão próximo do Céu, apenas para falar aos Celestiais sobre o Inferno. Este era na verdade um dos tipos mais comuns. Outros, que tinham sido (como eu) professores de alguma matéria, queriam na verdade fazer palestras a respeito: tinham consigo livros de anotações cheios de estatísticas, mapas, e (um deles) uma lanterna mágica. Alguns se punham a contar anedotas sobre os pecadores notórios de todas as idades que tinham encontrado lá embaixo. Mas a maioria parecia pensar que o simples fato de terem conseguido para si mesmos tanto sofrimento, lhes dava certa superioridade.

"Vocês têm uma vida protegida!" vociferavam. "Não conhecem o lado duro. Vamos contar-lhes. Vamos mostrar a realidade a vocês."

Como se tingir o Céu com imagens e cores infernais fosse o único propósito de sua visita.

Todos eles, até o ponto em que pude julgar através de minhas observações do mundo inferior, eram completamente indignos de confiança, e todos igualmente indiferentes, não mostrando qualquer curiosidade quanto ao mundo a que haviam

chegado. Repeliam qualquer tentativa de aprender algo, e quando descobriram que ninguém lhes dava ouvidos voltaram, um a um, para o ônibus.

Este curioso anseio de descrever o Inferno mostrou ser afinal a forma mais branda de um desejo muito comum entre os Fantasmas — a vontade de estender o Inferno, de levá-lo corporalmente, se possível, para o Céu.

Havia Fantasmas pregadores exagerados, que com suas vozes finas como guinchos de morcego, insistiam com os espíritos abençoados para que abandonassem seus grilhões, escapassem de sua prisão com alegria, a fim de derrubar as montanhas com suas mãos, agarrando o Céu como "propriedade sua": o Inferno oferecia a sua colaboração. Outros eram Fantasmas projetistas que lhes imploravam que represassem o rio, cortassem as árvores, matassem os animais, construíssem uma estrada de ferro na montanha, cobrissem a horrível grama, o musgo e as urzes com asfalto. Outros ainda eram Fantasmas materialistas que informavam os imortais que estavam enganados: não havia vida após a morte, e todo aquele país era uma alucinação. Muitos deles eram simplesmente Fantasmas: perfeitamente cônscios de sua própria decadência, que tinham aceito o papel tradicional de espectro, e pareciam ter a esperança de poder assustar alguém. Eu jamais pensara que tal desejo fosse possível. Mas meu Professor me fez lembrar que o prazer de causar medo não é absolutamente desconhecido na terra, lembrou-me também do ditado de Tácito: "Eles amedrontam para não serem amedrontados." Quando os escombros de uma alma decadente percebem a sua condição espectral, tomando consciência de que "sou agora tudo aquilo que a humanidade sempre temeu, não passo daquela sombra fria do cemitério, aquela coisa horrível que não pode ser, mas que de alguma forma é"; então aterrorizar as pessoas parece um meio de escapar da condenação de ter-se tomado um fantasma, mas ainda temendo os fantasmas — temendo até mesma o fantasma que ele mesmo é. Pois ter medo de si mesmo é o horror final.

Mas, além desses, vi outros fantasmas grotescos nos quais quase não restavam vestígios da forma humana; monstros que enfrentaram a jornada até o ponto de ônibus — talvez para eles fossem cerca de dois mil quilômetros — e chegaram ao país da Sombra da Vida, arrastando-se uma grande distância por sobre o suplício da grama, apenas para cuspir e amaldiçoar num êxtase de ódio a sua inveja e (o que é mais difícil de entender) seu desprezo, cheio de gozo. A viagem lhes parecia um preço pequeno a ser pago se pelo menos, pelo menos uma vez, à vista daquela alvorada eterna, pudessem dizer aos presunçosos, aos grã-finos, aos hipócritas impostores, aos "snobs", aos que "têm", o que pensavam deles.

"Como eles chegam aqui, afinal?" perguntei ao meu Professor.

"Já vi gente desse tipo ser convertida", respondeu, "enquanto aqueles que você poderia pensar que estivessem menos condenados voltaram. Os que odeiam o bem estão algumas vezes mais perto do que os que nada sabem a respeito dele e julgam conhecê-lo."

“Quieto agora!” disse derepente o Professor. Estávamos de pé junto a uns arbustos e além deles vi um dos Sólidos e um Fantasma, que se tinham encontrado aparentemente naquele momento. A aparência do Fantasma era vagamente familiar, mas logo descobri que o que vira na terra não tinha sido o homem em si, mas fotografias dele nos jornais. Tinha sido um artista famoso.

“Deus!” exclamou o Fantasma, olhando ao redor para o cenário.

“Deus, o quê?” perguntou o Espírito.

“O que quer dizer, ‘Deus o quê?” inquiriu o Fantasma.

“Em nossa gramática Deus é um substantivo.”

“Oh — compreendo. Eu só queria dizer ‘Puxa!’ ou algo parecido.

Estava me referindo... bem, a tudo isto. É.... é..., gostaria de fazer um quadro, de pintar isto.”

“Eu não me preocuparia com isso no momento se fosse você.”

“Escute, aqui não é permitido que a pessoa continue pintando?”

“Você tem primeiro de olhar.”

“Mas, já olhei. Já vi o que quero fazer. Deus! — Gostaria de ter trazido meu material comigo!”

O Espírito sacudiu a cabeça, espalhando luz de seus cabelos ao fazer isso. “Esse tipo de coisa não adianta aqui”, disse ele.

“O que está querendo dizer?” perguntou o Fantasma.

“Quando você pintava na terra — pelo menos nos primeiros anos — era porque apanhava vislumbres do Céu no cenário terreno. O sucesso de suas pinturas foi porque você capacitou outros a apreciarem também os vislumbres. Mas aqui está você com a coisa em si. E daqui que as mensagens são enviadas. Não adianta nos contar sobre este país, pois nós já o vemos. De fato, podemos vê-lo melhor do que você.”

“Então nunca vai adiantar nada pintar qualquer coisa aqui?”

“Não quero dizer isso. Quando você tiver se transformado numa Pessoa (tudo bem, nós todos tivemos de passar por essa fase) haverá coisas que você perceberá melhor do que qualquer outra pessoa. Um de seus desejos será contar-nos a respeito delas. Mas não ainda. No momento o seu dever é olhar. Venha e veja. Ele é infinito. Venha e se alimente.”

Houve uma pequena pausa. “Isso será ótimo”, falou então o Fantasma numa voz entediada.

“Venha então”, disse o Espírito oferecendo-lhe o braço.

“Em quanto tempo você acha que eu poderia começar a pintar?” perguntou o outro.

O Espírito deu uma risada. “Não percebe que jamais pintará se for isso que estiver pensando?”

“Não entendo.”

“Olhe, se estiver interessado no país apenas por causa da pintura, jamais

aprendera a vê-lo."

"Mas é justamente assim que um verdadeiro artista está interessado no país."

"Não. Você se esquece", disse o Espírito, "que não foi assim que começou. A luz em si foi o seu primeiro amor: você amou a pintura apenas como um meio de falar sobre a luz."

"Oh, isso foi há séculos", disse o Fantasma. "A gente supera isso.

Você naturalmente não viu meus últimos trabalhos. Acabamos nos interessando mais e mais na pintura pela própria pintura."

"De fato. Eu também tive de sair dessa. Tudo não passava de uma armadilha. Tinta, cordas de instrumentos musicais e pintura eram necessárias lá embaixo, mas elas são também estimulantes perigosos. Todo poeta, músico e artista, se não fosse pela Graça, seriam afastados do amor das coisas de que falam, para o simples amor das palavras até que no Inferno Profundo, não mais se interessem por Deus de modo algum mas apenas naquilo que dizem a respeito dEle. Pois a coisa não pára no interesse pela pintura, você sabe. Eles afundam mais — ficam obcecados pelas suas próprias personalidades e depois por mais nada além de suas reputações."

"Não acho que me enquadro muito nessa descrição", afirmou o Fantasma com certa formalidade.

"Isso é excelente", disse o Espírito. "Poucos dentre nós tinham superado essa mentalidade quando chegamos. Mas se perdurar qualquer parcela dessa inflamação, ela será curada quando você chegar à fonte."

"Que fonte é essa?"

"Fica lá no alto das montanhas. Muito fria e clara, entre duas colinas verdes. Quando tiver bebido dela irá perder para sempre qualquer senso de propriedade sobre as suas obras. Irá apreciá-las como se fossem de outra pessoa: sem orgulho e sem modéstia."

"Parece-me ótimo", disse o Fantasma sem entusiasmo.

"Bem, venha", replicou o Espírito, e durante alguns passos ele apoiou a sombra vacilante em direção ao leste.

"Naturalmente", murmurou o Fantasma, como se falando consigo mesmo, "sempre haverá pessoas interessantes para se conhecer. .

"Todos são interessantes."

"Oh — isso — sei que é certo. Mas estava pensando em pessoas de nossa própria classe. Vou conhecer Claude? Ou Cézanne? Ou..."

"Mais cedo ou mais tarde, se estiverem aqui."

"Então você não sabe?"

"Naturalmente que não. Só estou aqui há uns poucos anos. São poucas as oportunidades para encontrá-los... há muitos de nós, sabe."

"Mas, certamente, no caso de pessoas famosas, teria ouvido falar."

"Elas porém não são famosas. Não mais do que as outras. Não compreende? A Glória flui em direção a todos, e de volta de cada um. A luz é que é a coisa."

“Está querendo dizer que não existem homens de renome?”

“Todos são famosos. Todos são conhecidos, lembrados, reconhecidos pela única Mente que pode fazer um juízo perfeito.”

Oh, naturalmente, nesse sentido...” disse o Fantasma.

“Não pare”, falou o Espírito, procurando levá-lo ainda adiante.

“Devemos então contentar-nos com a nossa reputação entre a posteridade”, disse o Fantasma.

“Meu amigo, você não sabe?”

“Sei o quê?”

“Que você e eu já fomos completamente esquecidos na terra?”

“Eh? o que disse?” Exclamou o Fantasma, desvencilhando o braço.

“Está insinuando que aqueles malditos neoregionalistas venceram afinal?”

“E isso mesmo!” afirmou o Espírito, sacudindo-se novamente de riso, e espargindo luz. “Ninguém daria nada por qualquer quadro meu ou mesmo seu na Europa ou na América hoje. Estamos completamente fora de moda.”

“Preciso ir-me imediatamente”, replicou o Fantasma. “Solte-me! Diabos, tenho meu dever quanto ao futuro da Arte. Preciso voltar aos meus amigos. Tenho de escrever um artigo. Vamos fazer um manifesto. Vamos começar um jornal. Conseguir toda publicidade que pudermos. Solte-me. Isto não é brincadeira!”

E sem esperar pela resposta do Espírito, o espectro desapareceu.

10

Nós também ouvimos esta conversa:

"Isso está absolutamente fora de questão", disse um Fantasma-mulher para uma das Luminosas. "Não posso nem cogitar de permanecer aqui se tiver de encontrar-me com Roberto. Estou pronta a perdoá-lo, naturalmente. Mas qualquer coisa além disso é impossível. Como ele chegou aqui... mas, isso é com vocês."

"Mas, se você o perdoou", disse a outra, "certamente..."

"Eu o perdôo como cristã", falou a Fantasma. "Mas há coisas que a gente nunca pode esquecer."

"Mas, não compreendo...", começou o Espírito-Mulher.

"Exatamente", replicou com uma pequena risada. "Você nunca entendeu.

Sempre achou que Roberto não podia errar. Eu sei. Por favor, não me interrompa por um momento. Você não tem a mínima idéia do que passei com o seu querido Roberto. Quanta ingratidão! Fui eu quem fez dele um homem! Sacrifiquei-me toda a minha vida! E qual foi a recompensa? Egoísmo puro e absoluto. Não, ouça apenas.

Ele vegetava com um ordenado miserável quando nos casamos. E, preste atenção, Hilda, ele continuaria nessa posição até morrer se não fosse por mim. Fui eu quem precisei guiá-lo a cada passo. Ele não tinha um átomo de ambição. Era como se eu quisesse levantar um saco de carvão. Precisei realmente obrigá-lo para que aceitasse aquele trabalho extra no outro departamento, embora isso acabasse sendo o começo de tudo para ele. Como os homens são preguiçosos!

Ele afirmava, veja só, que não podia trabalhar mais de treze horas por dia! Como se eu não trabalhasse muito mais do que isso. Pois o meu dia de trabalho não tinha terminado quando o dele findava. Eu precisava espicaçá-lo todas as noites. Se deixasse a seu cargo, ficava contente em abandonar-se numa poltrona e ficar calado depois do jantar. Precisava arrancá-lo de si mesmo e manter a conversa. Sem qualquer ajuda dele, é claro.

"Cheguei até a dizer-lhe que eu julgava que não deveria esquecer-se pelo menos das boas maneiras... eu continuava sendo uma senhora apesar de ter-me casado com ele. E todo tempo me matava por causa dele, sem ser apreciada. Passava horas arranjando os vasos de flores para embelezar aquela casinha acanhada, e em vez de me agradecer, o que você pensa que disse? Falou que preferida que eu não enchesse a escrivaninha com elas, quando queria usá-la. E tivemos uma briga terrível certa noite só porque derramei água de um vaso sobre alguns papéis inúteis dele. Tudo bobagem, porque na verdade não se tratava de trabalho. Ele tinha uma idéia tola de escrever um livro naqueles dias... como se pudesse. Acabei por curá-lo

dessa mania afinal.

"Não, Hilda, você precisa ouvir-me. Quanto trabalho tive em promover recepções. A idéia de Roberto era fugir sozinho de vez em quando para avistar-se com o que chamava de seus velhos amigos... e deixar que me divertisse por mim mesma! Mas desde o começo eu sabia que aqueles amigos não o ajudavam em nada.

'Nada disso, Roberto', disse eu, 'seus amigos são agora meus. É meu dever recebê-los aqui, por mais cansada que esteja e mesmo que não tenhamos quase meios para isso.' Qualquer um julgaria que tal coisa bastaria. Eles na verdade apareceram algumas vezes.

Foi quando precisei usar um pouco de tato. A mulher inteligente sempre pode jogar uma palavra aqui e outra ali. Eu queria que Roberto os visse em outro cenário. Eles não ficaram à vontade, de forma alguma, em minha sala de visitas. Eu não podia deixar de rir às vezes. Roberto não ficou naturalmente muito contente enquanto eu os submetia àquele tratamento, mas tudo era para o seu próprio bem. Ninguém daquele grupo continuou a amizade com ele no final do primeiro ano.

"Foi então que conseguiu o novo emprego. Um grande avanço. Mas, o que pensa que aconteceu? Em lugar de compreender que tínhamos agora oportunidade de nos exibir um pouco, tudo o que disse foi: 'Bem, agora, pelo amor de Deus, vamos ter finalmente paz.' Isso quase acabou comigo. Quase desisti dele de uma vez: mas eu sabia qual era o meu dever. Sempre o cumpri. Você não imagina o trabalho que tive para convencê-lo a mudar para uma casa maior, e depois para encontrá-la. Eu não teria relutado nem um pouco se ele tivesse encarado a coisa com o espírito certo — se tivesse apenas compreendido o divertimento que havia em tudo aquilo. Se Roberto fosse diferente, seria divertido encontrá-lo na porta da frente quando voltasse do escritório e dizer: 'Venha, Boto, não temos tempo de jantar hoje. Acabei de ouvir falar de uma casa num bom bairro. Tenho as chaves e podemos vê-la imediatamente.'

Mas, com ele! Tudo acabava mal, Hilda. O seu precioso Roberto a esta altura estava se transformando no tipo de homem que não pensa em nada senão em comer.

"Consegui finalmente levá-lo para a nova casa. Bem sei que era um pouco mais cara do que podíamos pagar na ocasião, mas toda sorte de oportunidades estava se abrindo para ele. Eu naturalmente comecei a receber como devia. Não mais o tipo de amigos que tinha antes. De modo nenhum. Estava fazendo tudo por causa dele. Todo amigo útil que fez foi por meu intermédio. Eu tinha de me vestir bem, como é natural. Aqueles poderiam ter sido os anos mais felizes de nossa vida de casados. Se isso não aconteceu, a culpa foi exclusivamente dele. Oh, Beto era simplesmente de enlouquecer!

Decidiu deixar-se ficar velho, silencioso e difícil. Engolfou-se em si mesmo. Poderia ter parecido muito mais jovem se quisesse. Não precisava andar curvado estou certa de que o adverti sobre isso o suficiente. Era o pior dos anfitriões. Toda vez que dávamos uma festa eu tinha de fazer tudo sozinha: Roberto era um peso

morto.

"Eu lhe dizia (e não disse uma única, mas milhões de vezes), que ele nem sempre fora assim. Houve tempo em que se interessava por toda espécie de coisas e gostava de fazer amigos. 'O que está acontecendo com você?' eu costumava dizer. Mas agora ele nem sequer respondia. Ficava ali sentado, olhando para mim com seus olhos grandes (acabei por odiar homens de olhos escuros) e — sei agora — me odiando. Foi essa a minha recompensa. Depois de tudo que fiz. Um ódio perverso, sem motivo: justamente na hora em que tornou-se mais rico do que jamais poderia ter sonhado ser!

"Os homens mais jovens que freqüentavam nossa casa não era minha culpa se eles gostavam mais de mim do que do urso de meu marido — costumavam rir às custas dele."

"Cumpri meu dever até o fim. Forcei-o a fazer ginástica — essa foi realmente a principal razão para termos um dogue alemão. Continuei dando festas. Levei-o a lugares maravilhosos nas férias. Fazia tudo para que não bebesse demais. Cheguei até, quando as coisas se mostraram desesperadas, a encorajá-lo a escrever de novo.

Isso não poderia prejudicá-lo então. Que culpa tenho se ele acabou tendo um colapso nervoso? Minha consciência está limpa. Cumpri minha obrigação com ele. Veja então porque seria impossível encontrá-lo.

"Todavia... não sei. Penso que mudei de idéia. Vou fazer-lhes uma proposta justa, Hilda. Não vou encontrar-me com ele, se for apenas para isso e nada mais. Mas se me derem carta branca, tomo conta dele de novo. Volto a carregar o meu fardo. E preciso porém que me deixem livre. Com todo o tempo que devemos ter aqui, acredito que poderia fazer ainda algo dele. Em algum lugar, sozinhos. Não é um bom plano? Ele não tem capacidade para dirigir-se. Deixe que me encarregue disso. Precisa de rédeas curtas. Eu o conheço melhor do que você. O quê? Não, eu quero que o dê a mim, está ouvindo?

Nada de consultá-lo. Apenas o entregue a mim. Sou sua esposa, não sou? Estava apenas começando. Há milhares e milhares de coisas que ainda quero fazer com ele. Não, ouça, Hilda. Por favor, por favor! Sinto-me tão miserável. Preciso de alguém a quem possa ajudar. E simplesmente horrível lá embaixo. Ninguém se importa comigo. E medonho vê-los sentados por ali e não poder fazer nada com eles. Você precisa devolvê-lo a mim. Por que ele deve ter tudo como quer? Não é bom para ele. Não é certo, não é justo. Eu quero Roberto. Que direito tem você de mantê-lo afastado de mim? Eu odeio você. Como posso vingar-me se você não devolvê-lo?"

O Fantasma que se avantajara como uma vela prestes a extinguir-se deu um estalo repentino. Um cheiro azedo e seco pairou por um momento no ar e logo não havia mais nenhum Fantasma a ser visto.

11

Um dos encontros mais tristes que testemunhamos foi entre um Fantasma-Mulher e um Espírito Luminoso que aparentemente tinha sido irmão dela. Eles deviam ter acabado de encontrar-se quando chegamos perto dos dois, pois o Fantasma dizia com um tom de evidente decepção: “Oh... Reginaldo! É você, não é?”

“Sim, querida”, disse o Espírito. “Sei que esperava outra pessoa. Mas... espero que fique um pouco contente por ver pelo menos a mim, no momento.”

“Pensei que Miguel viria”, respondeu ela; e então, com veemência:

“Ele está aqui, não está?”

“Está lá, no alto das montanhas.”

“Por que não veio encontrar-me? Não sabia?”

“Minha cara (não se preocupe, tudo sairá bem) não seria oportuno. Ainda não. Ele não poderia vê-la ou ouvi-la como se acha agora. Você estaria completamente invisível para Miguel. Mas logo lhe daremos forma.”

“Na minha opinião, se você pode ver-me, meu próprio filho não poderia?”

“Isso nem sempre acontece. Veja bem, eu me especializei neste tipo de trabalho.”

“O, é um trabalho, não é?” ripostou a mulher Fantasma. E, após uma pausa, “Bem, quando vou receber permissão para vê-lo?”

“Não se trata de permissão, Pamela. Tão logo ele possa ver você, naturalmente fará isso. Você precisa ser encorpada, pelo menos um pouco.”

“Como?” perguntou o Fantasma. O monossílabo foi dito com dureza e um certo tom de ameaça.

“O primeiro passo é um pouco difícil”, falou o Espírito. “Mas depois tudo corre como sobre rodas. Você ficará suficientemente sólida para que Miguel possa vê-la, quando tiver aprendido a desejar Alguém Mais além de Miguel. Não quero dizer ‘mais do que Miguel’, não no começo. Isso virá mais tarde. Para começar o processo só precisamos de um pequenino germe de desejo por Deus.”

“Você está se referindo à religião e a todo esse tipo de coisa? Este não é o momento adequado... e isso vindo de você, especialmente. Bem, não importa. Farei o que for necessário. O que quer de mim? Vamos. Quanto mais cedo começarmos, melhor. E então poderei ver o meu menino. Estou pronta!”

“Mas, Pamela, pense! Você não vê que não pode começar nada enquanto estiver nessa condição mental? Está tratando Deus apenas como um meio de alcançar Miguel. Mas todo o tratamento de solidificação consiste em aprender a desejar Deus por Ele mesmo.”

“Você não falaria desse jeito se fosse mãe.”

“Você está querendo dizer, se eu fosse apenas uma mãe. Mas, você existe como mãe de Miguel somente porque existe em primeiro lugar como uma criatura de Deus. Esse relacionamento é mais antigo e mais próximo. Não, ouça Pamela! Ele também ama. Ele também sofreu. Ele também aguardou muito tempo.”

“Se Ele me amasse permitiria que visse meu filho. Se me amava, por que tirou Miguel de mim? Eu não ia dizer nada sobre isso. Mas é difícil perdoar, você sabe.”

“Mas, ele teve de tirar Miguel. Em parte para o bem dele...

“Mas, estou certa de que fiz Miguel feliz. Empenhei toda a minha vida...”

“Os seres humanos não podem fazer uns aos outros felizes por muito tempo. E, em segundo lugar, por sua causa. Ele queria que o seu amor puramente instintivo pelo seu filho (as tigresas partilham desse sentimento, você sabe!) se transformasse em algo superior. Queria que você amasse Miguel como Ele compreende o amor. Não é possível amar um semelhante perfeitamente até que se ame a Deus. Algumas vezes esta conversão pode realizar-se enquanto o amor instintivo ainda está sendo satisfeito. Mas não havia, ao que parece, nenhuma possibilidade disso em seu caso. O instinto era incontrolável, selvagem e monomaníaco. (Pergunte à sua filha ou a seu marido. Pergunte à sua própria mãe. Você não pensou nela sequer uma vez.) O único remédio era remover o objeto desse sentimento. Era um caso cirúrgico. Quando esse primeiro tipo de amor fosse contrariado, haveria então uma pequena possibilidade de que na solidão, no silêncio, alguma outra coisa pudesse começar a desenvolver-se.”

“Isso tudo é loucura — loucura cruel e perversa. Que direito você tem de dizer essa coisa sobre o amor materno? E o sentimento mais nobre e santo na natureza humana.”

“Pamela querida, os sentimentos naturais não são superiores ou inferiores, santos ou profanos, em si mesmos. Eles são todos santos quando a mão de Deus os governa, mas tudo se perverte quando eles se transformam em falsos deuses.”

“Meu amor por Miguel jamais se perverteria. Nem que vivêssemos juntos um milhão de anos.”

“Você está enganada, e sabe disso. Você não encontrou, lá embaixo, mães acompanhadas de seus filhos, no Inferno? O amor delas os torna felizes?”

“Se você está se referindo a Geralda Gama e seu detestável Nelsinho, claro que não. Penso que não está sugerindo... Se Miguel estivesse comigo eu seria perfeitamente feliz, mesmo naquela cidade. Não ficaria falando sobre ele até que todos odiassem o som do seu nome, que é o que Geralda faz com o pirralho dela. Não brigaria com as pessoas por não darem atenção a ele e depois me mostrar invejosa quando fazem isso. Não me queixaria nem lamentaria pela sua falta de delicadeza comigo. Pois, naturalmente, ele seria delicado. Não ouse insinuar que Miguel algum dia poderia ser um menino como o dos Gama. Há coisas que não

consigo suportar."

"O que você viu nos Gama é o resultado da afeição natural, quando não convertida."

"Isso é mentira. Uma mentira maldosa, cruel. Como poderia alguém amar mais a seu filho do que eu? Não vivi apenas para a sua memória todos esses anos?"

"Isso foi um erro, Pamela. No fundo do seu coração você sabe que foi."

"O que foi um erro?"

"Esses dez anos de tristeza. Deixando o quarto dele exatamente como era; lembrando os aniversários; recusando-se a sair daquela casa embora Ricardo e Maria se sentissem miseráveis nela."

"Caro que não se importavam, sei disso. Logo aprendi a não esperar qualquer simpatia por parte deles."

"Você está enganada. Homem algum sentiu tanto a morte do filho como Ricardo. Poucas pessoas amaram seus irmãos mais do que Maria. Não foi contra Miguel que eles se revoltaram, mas contra você; contra o fato de permitir que sua vida fosse dominada pela tirania do passado. Nem mesmo, na verdade, o passado de Miguel, mas o seu."

"Você é cruel. Todos são cruéis. O passado era tudo o que eu tinha."

"Foi tudo o que você escolheu ter. Esse não é o melhor modo de enfrentar o sofrimento. Você usou o costume egípcio: o embalsamamento de um corpo morto."

"O, está bem. Estou errada. Tudo o que digo ou faço é errado para você."

"E isso mesmo!" replicou o Espírito, brilhando de amor e alegria, de forma tal que meus olhos ficaram ofuscados. "E isso que todos descobrimos quando chegamos a este país. Todos somos errados! Essa é a grande piada! Não há necessidade de continuar fingindo que estamos certos! Depois disso começamos a viver."

"Como tem coragem de rir? De-me o meu filho. Ouviu bem? Não me importo com todas as suas regras e regulamentos. Não creio num Deus que separa mãe e filho. Acredito num Deus de amor. Ninguém tem o direito de se colocar entre mim e meu filho. Nem mesmo Deus. Diga isso a Ele diretamente. Quero meu menino, e vou ficar com ele. Ele é meu, está entendendo? Meu, meu, meu, para sempre e sempre."

"Ele será, Pamela. Tudo será seu. O próprio Deus lhe pertencerá. Mas não desse modo. Nada pode ser seu pela natureza."

"O quê? Nem meu próprio filho, nascido de meu corpo?"

"E onde está seu corpo agora? Você não sabia que a Natureza se dirige para um fim? Olhe! O sol está surgindo sobre as montanhas, ele subirá a qualquer momento."

"Miguel é meu."

"De que forma ele é seu? Você não o fez. A natureza fez com que crescesse no seu corpo, sem a colaboração da sua vontade. E até mesmo contra a sua vontade...

você algumas vezes se esquece que não queria ter um bebê naquela época. Miguel foi de fato um acidente."

"Quem lhe contou isso?" perguntou a Mulher-Fantasma. E, a seguir, recobrando a calma, "é uma mentira. E você não tem nada a ver com isso. Odeio a sua religião e odeio e desprezo o seu Deus. Acredito num Deus de Amor."

"No entretanto, Pamela, você não tem qualquer amor neste momento por sua própria mãe ou por mim."

"Oh, estou percebendo! Então essa é a dificuldade, não é? Realmente, Reginaldo! A idéia de que fique magoado porque..."

O Espírito deu uma grande risada. "Não se preocupe com isso! Você não sabia que não pode ferir ninguém neste país?"

Ela ficou silenciosa e estarrecida por um momento, mais abatida, penso eu, por esta afirmativa do que por qualquer outra coisa que tivesse sido dita antes.

"Venha. Vamos seguir adiante", disse meu Professor, colocando a mão em meu braço.

"Por que me afastou dali?" perguntei quando nos distanciamos o suficiente para não sermos ouvidos pela infeliz.

"Aquela conversa podia durar muito", falou o Professor. "E você ouviu o bastante para saber qual vai ser a escolha."

"Há qualquer esperança para ela, Senhor?"

"Existe alguma. O que chama de amor pelo filho se transformou em algo pobre, espinhoso. Mas existe ainda uma pequenina centelha que não é apenas o seu próprio "eu", e ela pode crescer, virando uma chama."

"Então alguns sentimentos naturais são melhores do que outros — quero dizer, são um ponto de partida melhor para a coisa real?"

"Melhores e piores. Existe algo na afeição natural que irá levá-la até o amor eterno mais facilmente do que o apetite natural poderia ser levado. Mas há também algo nela que toma mais simples parar no nível natural e considerá-lo como sendo o celestial. O bronze é mais facilmente confundido com o ouro do que a argila. E se finalmente recusar a conversão, a sua corrupção será maior do que a daquelas que você chamaria, de paixões inferiores. Trata-se de um anjo mais forte e, portanto, quando cai, de um diabo mais selvagem."

"Acho que não ousaria repetir isso na terra, senhor", disse eu.

"Afirmariam que era desumano: diriam que acreditava na depravação total; ou que estava atacando as coisas melhores e mais santas. Me chamariam de...

"Talvez não lhe fizesse mal se agissem assim", disse ele com um brilho risonho nos olhos.

"Mas poderia alguém, teria alguém coragem de falar com uma mãe enlutada, em sua miséria — quando não sentimos nós mesmos qualquer dor?..."

"Não, nada disso, Filho, esse não é o seu trabalho. Você não é bastante bom para isso. Quando o seu próprio coração tiver sido traspassado, então será hora de

pensar em falar. Mas alguém precisa dizer de maneira geral o que não foi dito entre vocês há bastante tempo: o amor, como os mortais entendem a palavra, não basta. Todo amor natural ressuscitará e viverá para sempre neste país, mas nenhum irá ressuscitar se não tiver sido sepultado."

"Essas palavras são quase duras demais para nós."

"Ah, mas é cruel não dizê-las. Os que sabem passaram a ter medo de falar. Essa é a razão porque tristezas que antes serviam para purificar, agora apenas corrompem."

"Keats estava então errado quando disse que tinha certeza da santidade dos afetos do coração."

"Duvido que ele soubesse bem do que estava falando. Mas nós dois devemos ser claros. Só existe um único ser bom, e esse é Deus. Tudo o mais é bom quando olha para Ele e mau quando se afasta dEle. E quanto mais alto e poderoso estiver ele na ordem natural, tanto mais demoníaco será se rebelar-se. Não é de ratos ou pulgas perversos que se fazem demônios, mas dos maus arcanjos. A falsa religião da cobiça é mais sórdida do que a falsa religião do amor maternal, do patriotismo ou da arte; mas é menos provável que a cobiça seja transformada em religião. Veja, porém, o que vem vindo!"

Vi encaminhar-se para nós um Fantasma que levava alguma coisa no ombro. Como todos os Fantasmas, ele era insubstancial, mas eles diferiam uns dos outros como acontece com as diversas espécies de fumaça. Alguns eram esbranquiçados, mas este parecia escuro e oleoso. Sentado em seu ombro estava um pequeno lagarto vermelho, torcendo a cauda como se fosse um chicote e murmurando coisas em seu ouvido. Quando o avistamos, ele virou a cabeça para olhar o réptil, dizendo impaciente: "Cale-se, já mandei!" O bicho balançou a cauda e continuou sussurrando. O Fantasma parou de censurá-lo e começou até a sorrir. Depois voltou-se e começou a coxear em direção oposta às montanhas, para o oeste.

"Já vai embora tão cedo?" disse uma voz.

Quem falava tinha a forma geral humana, mas era maior do que um homem, e tão brilhante que eu mal podia olhar para ele. A sua presença atingiu-me nos olhos e também no corpo (pois ele emanava tanto calor como luz) como o sol da manhã no início de um tórrido dia de verão.

"Sim, já vou", disse o Fantasma. "Obrigado pela hospitalidade. Mas, como vê, não adianta. Falei a este pequeno camarada (e aqui ele apontou para o lagarto) que teria de ficar calado se viesse, o que insistiu em fazer. Naturalmente sua conversa não seria aceita aqui. Mas ele não quer parar. Tenho de ir para casa."

"Você gostaria de fazê-lo calar?" perguntou o Espírito flamejante — um anjo, como soube então.

"Claro que sim", disse o Fantasma.

"Vou então matá-lo", falou o Anjo, avançando um passo.

"Oh — ah — cuidado! Você está me queimando. Fique de longe", exclamou

o Fantasma, retrocedendo.

"Não quer que ele seja morto?"

"Você não disse nada sobre matá-lo no princípio. Eu não pensava em perturbá-lo com algo tão drástico assim."

"E o único modo", falou o Anjo, cujas mãos em chamas estavam agora muito próximas do lagarto. "Devo matá-lo?"

"Bem, isso é outra questão. Estou pronto a considerá-la, mas isso é novidade, não é? Quero dizer, no momento eu só estava pensando em silenciá-lo porque aqui — bem, é muito embaraçoso."

"Posso mata-lo?"

"Bem, há tempo para discutir isso mais tarde."

"Não há tempo. Posso matá-lo?"

"Por favor, nunca pensei em causar tanto problema. Por favor, realmente, não se preocupe. Veja! Ele dormiu por si mesmo. Estou certo de que tudo estará bem agora. Obrigado."

"Posso matá-lo?"

"Honestamente, não acho que haja qualquer necessidade disso. Estou certo de que irei mantê-lo na linha daqui por diante. Penso que um processo gradual seria muito melhor do que exterminá-lo."

"O processo gradual de nada valeria."

"Acha isso? Bem, vou pensar cuidadosamente no que disse. Vou mesmo. De fato permitiria que o matasse agora, mas não estou me sentindo muito bem hoje. Seria tolice fazê-lo agora. Eu precisaria estar bem para a operação. Algum outro dia, talvez."

"Não há outro dia. Todos os dias estão presentes agora."

"Afaste-se! Você está me queimando. Como posso mandar que o mate? Você estaria me matando."

"Isso não aconteceria."

"Mas, está me machucando."

"Eu não disse que não iria machucá-lo, apenas que não o mataria."

"Ah, já sei. Pensa que sou covarde. Mas não é nada disso. Realmente não é. Olhe, deixe que volte no ônibus da noite e consulte meu médico. Voltarei logo que puder."

"Este momento contém todos os momentos."

"Por que me tortura? Está zombando de mim. Como posso permitir que me faça em pedaços? Se quisesse me ajudar, por que não matou o diabo da coisa sem me perguntar — antes que eu soubesse? Tudo estaria terminado, se tivesse feito isso."

"Não posso matá-lo contra a sua vontade. É impossível. Tenho a sua permissão?"

As mãos do Anjo estavam quase fechadas sobre o lagarto, mas não de todo.

Então o animal começou a conversar com o Fantasma tão alto que até eu podia ouvir o que dizia.

"Tenha cuidado", disse. "Ele pode fazer o que diz. Pode matar-me.

Uma palavra fatal de seus lábios e fará isso. Então ficará sem mim para sempre. Não é natural. Como iria viver? Seria apenas uma espécie de fantasma, e não um homem verdadeiro como é agora. Ele não compreende. Não passa de uma coisa abstrata, fria, sem sangue. Pode ser natural para ele, mas não para nós. Eu sei, eu sei. Sei que não existem prazeres reais agora, somente sonhos. Mas, eles não são melhores do que nada? E vou ser tão bom. Admito que exagerei algumas vezes no passado, mas prometo não repetir. Só lhe darei sonhos bons — doces, refrescantes e quase inocentes. Você até poderia dizer, muito inocentes...

"Tenho a sua permissão?" disse o Anjo ao Fantasma.

"Sei que isso iria matar-me."

"Não iria, mas, e se fosse assim?"

"Você está certo. Seria melhor estar morto do que viver com esta criatura."

"Posso então?"

"Maldito seja você! Ande logo! Acabe com tudo. Faça o que quiser", berrou o Fantasma, mas no fim, acabou se lastimando: "Deus me ajude. Deus me ajude."

No momento seguinte o Fantasma deu um grito de agonia como eu jamais ouvira na terra. O Queimador fechou a mão carmesim sobre o réptil, enquanto ele mordia e se retorcia, e depois, atirou-o, com a espinha quebrada, sobre a grama.

"Oh, isso acabou comigo", ofegou o Fantasma, cambaleando para trás.

Durante alguns minutos nada pude ver distintamente. Mas, a seguir, entre mim e o arbusto mais próximo, indiscutivelmente sólido e tomando-se cada vez mais sólido, pude ver o antebraço e o ombro de um homem. Depois, mais brilhantes ainda e mais fortes, as pernas e as mãos. O pescoço e a cabeça dourada se materializaram enquanto eu observava, e se minha atenção não se tivesse desviado, eu teria visto o acabamento completo de um homem — um ser imenso, nu, não muito menor do que o Anjo. O que me distraiu foi o fato de que nesse mesmo momento algo pareceu estar acontecendo com o lagarto. A princípio, pensei que a operação tivesse falhado, pois longe de ter morrido, a criatura continuava se debatendo, e até mesmo crescendo enquanto se debatia. E conforme crescia ia-se transformando. Suas partes traseiras aumentaram. A cauda, ainda trêmula, tornou-se uma cauda peluda que se movia entre nádegas enormes e lustrosas. De repente dei um passo para trás, esfregando os olhos. O que estava à minha frente era o maior garanhão que já vira, branco como prata mas com a crina e a cauda douradas. Era macio e lustroso, deixando entrever as camadas de carne e músculos, rinchando e batendo as patas. A cada batida a terra tremia e as árvores vibravam.

O homem recém-nascido voltou-se e deu uma palmada no pescoço do cavalo também novo. Este esfregou o focinho no corpo brilhante.

Cavalo e cavaleiro sopraram um nas narinas do outro. O homem afastou-se

dele, lançou-se aos pés do Queimador, e abraçou-os. Quando se levantou pensei que sua face brilhava de lágrimas, mas pode ter sido apenas o amor líquido e o brilho (não é possível distingui-los naquele país) que fluíam dele. Não pude pensar por muito tempo no assunto. Numa pressa alegre o jovem pulou sobre o dorso do cavalo. Voltando-se na sela fez um gesto de despedida, depois esporeou o animal com os calcanhares. Partiram antes que eu soubesse bem o que tinha acontecido. Saí o mais depressa possível de entre os arbustos para segui-los com os olhos; mas eles já pareciam uma estrela cadente, distantes na planície verde, e logo chegaram ao sopé das montanhas. Depois, ainda como uma estrela, eu os vi subindo, escalando o que pareciam ter escarpas inescaláveis, e mais depressa a cada momento, até que próximo à borda indistinta do cenário, tão alto que tive de esticar o pescoço para vê-los, eles desapareceram, luminosos, na luz rosada daquela manhã eterna.

Enquanto eu ainda observava, notei que toda a planície e a floresta estremeciam devido a um som que em nosso mundo seria alto demais para ser ouvido, mas ali eu podia aceitá-lo com alegria. Eu sabia que não eram os Sólidos que estavam cantando. Era a voz daquela terra, daquelas florestas, daquelas águas. Um ruído estranho, arcaico, inorgânico, que vinha de todas as direções ao mesmo tempo. A Natureza ou Arquinatureza daquela terra se rejubilava por ter sido mais uma vez montada e portanto, consumada, na figura do cavalo. Ela cantava:

"O Mestre diz ao nosso mestre, Venha. Partilhe do meu descanso e esplendor, até que todas as naturezas que foram suas inimigas se tornem escravas para dançar à sua frente e dorsos a serem montados, e firmeza para os seus pés se apoiarem," "Dalém de todo lugar e tempo, saindo do próprio Lugar, autoridade lhe será concedida: as forças que antes se opuseram à sua vontade serão fogo obediente em seu tanque e estrondo celestial em sua voz. Vença-nos, ó! vença-nos, para que possamos ser nós mesmos: desejamos o início do seu reino como desejamos a madrugada e o orvalho, umidade no nascimento da luz. Mestre, o seu Mestre o destinou para sempre: para ser nosso Rei de Justiça e nosso Sumo Sacerdote."

"Você entende tudo isto, meu filho?" perguntou o Professor.

"Não entendo tudo, senhor", disse eu. "Estou certo em pensar que o lagarto se transformou realmente no cavalo?"

"Sim. Mas ele foi morto primeiro. Não se esquecerá dessa parte da história?"

"Tentarei não esquecer, senhor. Mas isso significa que tudo — tudo — que está em nós pode ir para as Montanhas?"

"Nada, nem mesmo o melhor e mais nobre, pode subir como se encontra agora. Nada, nem mesmo o que é mais inferior e mais bestial, deixará de ser ressuscitado se se submeter à morte. O corpo natural é semeado, o espiritual ressuscitado. Carne e sangue não podem subir as montanhas. Não por serem grosseiros demais, mas pela sua fraqueza. O que é um lagarto comparado com um garanhão? A luxúria não passa de algo pobre, fraco, choramingas, sussurrantes, em comparação com aquela riqueza e energia do desejo que surge quando a cobiça é

abatida.”

“Devo então contar em casa que a sensualidade desse homem foi um obstáculo menor do que o amor daquela pobre mulher pelo seu filho? Pois o dela foi, em qualquer caso, um excesso de amor.”

“Não lhes dirá nada disso”, replicou com firmeza. “Excesso de amor, disse você?” Não havia excesso, havia defeito. Ela amava o filho de menos, e não demais. Se tivesse amado mais não haveria dificuldade. Não sei como o caso dela vai terminar, mas é bem possível que justamente agora esteja exigindo que fique com ela no inferno. Esse tipo é algumas vezes perfeitamente capaz de lançar a alma que dizem estremecer na mais terrível desgraça, se puderem de alguma forma continuar a possuí-la. Não. Você precisa aprender, extrair outra lição. Deve perguntar, se o corpo ressuscitado de um apetite é grande como um cavalo como viu, como seria o corpo ressuscitado do amor maternal ou da amizade?”

Minha atenção foi porém mais uma vez desviada. “Existe outro rio, senhor?” perguntei.

12

A razão da minha pergunta sobre outro rio foi esta. De todo um lado da floresta, a parte de baixo dos ramos cheios de folhas tinha começado a tremer com uma luz dançante; e na terra eu nunca conhecera nada que pudesse produzir com tanta probabilidade essa aparência como as luzes refletidas pela água em movimento. Alguns momentos depois compreendi meu erro. Uma espécie de procissão se aproximava, e a luz vinha das pessoas que a compunham.

Em primeiro lugar vinham Espíritos luminosos, não os espíritos dos homens, que dançavam e esparramavam flores — flores que caíam sem qualquer som, flutuando com leveza, embora pelos padrões do mundo espectral cada pétala devesse pesar uma tonelada e a sua queda soar como o troar de canhões. Depois, à esquerda e à direita, de cada lado da trilha na floresta, surgiram formas jovens, rapazes de um lado e moças do outro. Se eu pudesse lembrar-me do que cantavam e escrever as notas, homem algum que lesse essa partitura jamais ficaria doente ou envelheceria. Entre eles se achavam os músicos, e a seguir vinha uma senhora, em cuja honra tudo aquilo estava sendo feito.

Não me lembro agora se ela estava nua ou vestida. Se estava nua, então deve ter sido a quase visível penumbra da sua gentileza e alegria que produz em minha memória a ilusão de um manto imenso e esplendoroso que a seguia por sobre a grama brilhante. Se estivesse vestida, então a ilusão de nudez é sem dúvida resultado da claridade com que seu espírito interior cintilava através das roupas.

Pois as vestes naquela terra não são um disfarce: o corpo espiritual vive juntamente com cada fio e os transforma em órgãos vivos. Um manto ou uma coroa fazem parte das características do usuário, da mesma forma que um lábio ou um olho.

Mas, me esqueci, e apenas me lembro em parte da beleza quase insuportável de suas feições...

É...? é...?" falei baixinho ao meu guia.

"De modo algum", respondeu. "Ë alguém de quem nunca ouviu falar. Seu nome na terra era Sara Prado e vivia numa cidadezinha."

"Ela parece ser uma pessoa de particular importância?"

"Sim. E uma das grandes. Você ouviu que a fama neste país e na terra são duas coisas completamente diferentes."

"E quem são essas pessoas gigantescas... olhe! Parecem esmeraldas... que estão dançando e jogando flores à frente dela?"

"Não leu o seu Milton? Mil anos de libré a servem"

"E quem são todos esses jovens de cada lado?"

“São seus filhos e filhas.”

“Ela deve ter tido uma família enorme.”

“Todo jovem a quem encontrava tornava-se seu filho mesmo que fosse o rapazinho que levava carne à porta dos fundos. Toda moça era sua filha.”

“Isso não tomava as coisas difíceis para os pais deles?”

“Não. Existem aqueles que roubam os filhos alheios. Mas a maternidade dela era de outro tipo. Aqueles com quem entrava em contato voltavam a seus pais amando-os mais. Poucos homens olhavam para ela sem se tomarem, de alguma forma, seus amantes. Mas era a espécie de amor que fazia deles maridos mais fiéis a suas mulheres e não menos.

“É, como... mas, veja! O que são todos esses animais? Um gato — dois gatos — dúzias de gatos. E todos esses cães... puxa, quase não posso contá-los. E os pássaros. E os cavalos.”

“São dela.”

“Tinha então uma espécie de zoológico? Quero dizer, acho isso um pouco demais.”

“Cada animal e ave que se aproximava dela tinha um lugar no seu amor. Nela se tornavam eles mesmos. E agora a abundância de vida que ela possui em Cristo, originada no Pai, flui na direção deles.”

Olhei surpreso para o meu Professor.

“E isso mesmo”, falou. “Pode ser comparado a uma pedra atirada em um lago, quando as ondas concêntricas se espalham cada vez mais para longe. Quem sabe onde irão parar? A humanidade remida ainda é jovem, está bem longe da plenitude de suas forças. Já existe porém suficiente alegria no dedo mínimo de um grande santo tal como essa senhora ali para despertar todas as coisas mortas do universo, fazendo-as viver.”

Enquanto ele falava, a Senhora avançava firmemente em nossa direção, mas não olhava para nós. Seguindo o seu olhar, virei-me e vi um fantasma de forma estranha se aproximando. Ou, na verdade, dois fantasmas: um Fantasma grande e alto, horrivelmente magro e trêmulo, que parecia estar arrastando numa corrente um outro, não maior do que o macaquinho de um tocador de órgão. O Fantasma mais alto usava um chapéu preto de aba mole, e me fez lembrar de algo que minha memória não conseguia recordar. Então, quando chegou perto o bastante da Senhora, abriu as mãos trêmulas e magras sobre o peito com os dedos bem separados, e exclamou numa voz cava: “Finalmente!” Na mesma hora compreendi do que ele me fazia lembrar. Parecia-se com um ator desgastado da velha escola.

“Querido! Finalmente!” disse a Senhora. “Deus do céu!” pensei eu.

“Com certeza ela não...”, e notei então duas coisas. Em primeiro lugar notei que o pequeno fantasma não estava sendo arrastado pelo grande. Era o pigmeu que levava a corrente e a figura teatral usava o anel de ferro no pescoço. Em seguida, notei que a Senhora olhava unicamente para o Fantasma-Pigmeu. Ela parecia pensar

que fora ele quem lhe falara, ou, ignorava deliberadamente o outro. Para o Pigmeu voltou os olhos, e o amor brotava não só de sua face, mas de todos os seus membros, como se fosse algum liquido em que acabara de banhar-se. Então, para meu espanto, ela chegou mais perto. Abaixou-se e beijou o Pigmeu. Era de estremecer vê-la em tão íntimo contato com aquela coisa fria, úmida, enfezada. Mas ela não estremeceu.

"Francisco", disse ela, "antes de qualquer coisa me perdoe. Por tudo que fiz de errado e por tudo que não fiz certo desde o primeiro dia em que nos encontramos, peço que me perdoe."

Olhei melhor para o Pigmeu pela primeira vez: ou, quem sabe, quando ele recebeu o beijo dela tornou-se um pouco mais visível.

Era possível ter uma idéia do rosto que ele tivera quando homem: uma face pequena, oval, sardenta, com um queixo entrado e uma sombra de bigode. Ele relanceou os olhos para ela, sem olhá-la de frente, pois observava o Trágico com o canto dos olhos. Depois deu um puxão na corrente: e foi o Trágico e não ele que respondeu à Senhora.

"Tudo bem, não se preocupe. Não vamos mais falar nisso. Todos cometemos erros." Ao dizer essas palavras, suas feições se contorceram horrivelmente, com o que penso ter sido o arremedo de um sorriso complacente e brincalhão. "Não falemos mais disso", continuou.

"Não estou pensando em mim mesmo, mas em você. E isso que tem estado sempre em meus pensamentos todos esses anos. Pensar em você, aqui, sozinha, sofrendo por minha causa."

"Mas agora", respondeu ela ao Pigmeu, "pode pôr tudo isso de lado. Não pense nunca mais desse jeito. Tudo acabou."

A sua beleza brilhou tanto que eu mal podia ver qualquer outra coisa, e sob aquela doce compulsão o Pigmeu olhou realmente para ela pela primeira vez. Durante um segundo pensei que estivesse se transformando mais à semelhança de um homem. Ele abriu a boca. Ia falar ele mesmo desta vez. Mas, quanta desilusão quando se ouviram as suas palavras!

"Você sentiu minha falta?" grasnou numa voz chorosa.

Mesmo assim ela não ficou perplexa. Mesmo assim o amor e a gentileza fluíam de sua pessoa.

"Querido, você vai logo compreender isso", respondeu.

"Mas, hoje..."

O que aconteceu em seguida chocou-me profundamente. O Pigmeu e o Trágico falaram juntos, não a ela, mas um para o outro.

"Você deve ter notado", advertiram-se mutuamente, "que ela não respondeu à nossa pergunta." Compreendi então que ambos eram uma única pessoa, ou antes, que ambos eram o remanescente do que fora um dia uma pessoa. O Pigmeu agitou de novo ruidosamente a corrente.

"Você sentiu minha falta?" disse o Trágico à Senhora, pondo na voz um

‘trêmulo’ teatral medonho.

“Querido amigo”, falou a Senhora, olhando ainda exclusivamente para o Pigmeu, “pode ficar descansado quanto a isso e tudo mais. Esqueça-se de tudo para sempre.”

Por um momento, eu realmente pensei que o Pigmeu ia obedecer: em parte porque os contornos de seu rosto se tornaram um pouco mais visíveis, e parcialmente porque o convite à alegria, cantando através de todo o seu ser como a canção de um pássaro numa noite quente, pareceu-me tão atraente que criatura alguma poderia resistir-lhe. Ele então hesitou. E depois, mais uma vez, os dois cúmplices falaram em uníssono.

“Naturalmente seria delicado e magnânimo não insistir”, disseram um ao outro. “Mas podemos estar certos de que ela notaria? Fizemos isso antes. Houve aquela vez em que permitimos que usasse o último selo para escrever à sua mãe e nada dissemos, embora ela soubesse que nós também queríamos mandar uma carta. Pensávamos que se lembrada e compreenderia como fomos generosos.

Mas nunca fez isso. E aquela outra vez... oh, vezes sem conta!” E o Pigmeu sacudiu a corrente, então...

“Não posso esquecer-me”, bradou o Trágico. “E não quero também fazê-lo. Poderia perdoar tudo que me fizeram. Mas quanto às suas misérias...”

“Mas, não compreende?” disse a Senhora. “Não há misérias aqui.”

“Está querendo dizer”, respondeu o Pigmeu, como se esta nova idéia fizesse com que se esquecesse completamente do Trágico por um momento. “Quer dizer que tem sido feliz?”

“Você não queria isso? Mas, não importa. Queira agora, ou não pense sobre o assunto de maneira alguma.”

O Pigmeu piscou os olhos. Era possível ver uma idéia absolutamente inconcebível entrando em sua pequenina mente: era possível ver também que nela havia algo de doçura para ele. Por um segundo ele quase deixou cair a corrente, mas, depois, como se fosse um salva-vidas, agarrou-a de novo.

“Olhe aqui”, disse o Trágico. “Temos de enfrentar isto.” Ele estava usando desta vez o seu tom “viril”, aquele empregado para levar as mulheres a caírem em si.

“Querido”, disse a Senhora ao Pigmeu, “não há nada a enfrentar Você não haveria de querer que eu fosse infeliz por amor à infelicidade.

Só acha que devo ter sido caso amasse você. Mas se esperar verá que não é assim.”

“Amor!”, e o Trágico bateu na testa com a mão; depois, em voz mais baixa e profunda, “Amor! Você sabe o que significa essa palavra?”

“Como poderia não saber?” respondeu ela. “Pedi-lhe que me perdoasse.

Havia um pouco de amor real nisso. Mas o que chamávamos de amor lá embaixo era quase que só o desejo de ser amado.

Em grande parte amei você por mim mesma, porque precisava de você.”

“E agora?” disse o Trágico corn um gesto vulgar de desespero.

“Agora, você não precisa mais de mim?”

“E claro que não!” replicou a Senhora, e o sorriso dela me fez ficar imaginando como os dois fantasmas podiam deixar de gritar de alegria.

“Que necessidade poderia eu ter”, disse ela, “agora que tenho tudo? Estou plenamente satisfeita, e não vazia. Estou no próprio Amor, e não me sinto solitária. Sou forte, e não fraca. Você será assim também. Venha e veja. Não teremos mais necessidade um do outro: podemos começar a amar verdadeiramente.”

Mas o Trágico ainda estava assumindo atitudes. “Ela não precisa mais de mim, não precisa. Não precisa”, disse ele numa voz abafada, para ninguém em particular. “Eu preferia”, continuou, “eu preferia vê-la morta a meus pés a ouvir essas palavras. Morta a meus pés. Morta a meus pés.”

Não sei por quanto tempo a criatura pretendia continuar repetindo essa frase, pois a Senhora pôs um ponto final na cena. “Francisco! Francisco!” bradou num tom de voz que fez toda a floresta vibrar.

“Olhe para mim. Olhe para mim. O que você está fazendo com esse boneco enorme e feio? Largue a corrente. Mande-o embora. E você que eu quero. Não vê como ele está falando bobagens?” A alegria brilhou em seus olhos. Ela estava partilhando uma brincadeira com o Pigmeu, bem por cima da cabeça do Trágico. Algo parecido com um sorriso lutava para surgir no rosto do Pigmeu. Pois ele estava olhando para ela agora. O riso dela atravessara as suas defesas. Ele se esforçava para mantê-lo afastado, mas sem consegui-lo. Contra a sua vontade, estava até mesmo crescendo. “Oh, você, seu tolinho”, disse ela, “o que adianta falar desse jeito aqui? Você sabe que me viu mesmo morta há anos e anos. Não ‘aos seus pés’, naturalmente, mas num leito de hospital. E um ótimo hospital. A Enfermeira Chefe jamais pensaria em deixar corpos caídos pelo chão! E ridículo que esse boneco tente impressionar alguém falando de morte aqui. Não vai conseguir nada.”

13

Acho que nunca vi algo mais terrível do que a luta daquele Fantasma Pigmeu contra a alegria. Pois ele tinha sido quase vencido. Em algum lugar, num passado remoto, deveria ter havido vislumbres de humor e raciocínio nele. Por um instante, enquanto ela o olhava com amor e alegria, ele viu o completo absurdo do Trágico. Por um momento apenas não entendeu mal o riso dela: ele também deveria ter sabido um dia que as pessoas que se amam igualmente se acham absurdas. Mas a luz que o alcançou chegou ali contra a vontade dele. Não tinha sido assim que planejara o encontro; não podia aceitá-lo. Agarrou-se mais uma vez à sua corda salva-vidas e no mesmo instante o Trágico falou.

"Você ousa rir!" atacou-a. "Em meu rosto? E é esta a minha recompensa. Muito bem. E bom que não se preocupe com o meu destino. De outro modo poderia arrepender-se mais tarde por ter-me enviado de volta ao Inferno. O quê? Pensa que ficaria agora? Muito obrigado. Acho que sei perfeitamente quando não sou querido. 'Desnecessário' é a expressão exata, se não me engano."

A partir dessa hora o Pigmeu não falou mais, embora a Senhora continuasse se dirigindo a ele.

"Querido, ninguém está mandando você embora. Aqui tudo é alegria. Tudo convida você a ficar." Mas o Pigmeu estava se tomando cada vez menor, mesmo enquanto ela falava.

"Sim", falou o Trágico. "Em termos que poderiam ser oferecidos a um cão. Acontece que eu ainda tenho alguma auto-estima, e vejo que minha ida não fará qualquer diferença para você. Você não se importa que eu volte para o frio e a tristeza, para aquelas ruas solitárias...

"Não deixe, Francisco", disse a Senhora. "Não deixe que ele fale desse modo." Mas o Pigmeu estava agora tão pequeno que ela tinha se ajoelhado para falar-lhe. O Trágico apanhou as palavras dela avidamente, como um cão apanha um osso.

"Ah! Você não pode suportar!" bradou triunfante na sua miséria.

"Sempre foi assim. Você precisa ser protegida. As realidades cruas precisam ser mantidas fora da sua vista. Você que pode ser feliz sem mim, esquecendo-se de que existo! Não quer sequer ouvir falar dos meus sofrimentos. Você diz: não. Não the conte, não a faça infeliz, não interfira no seu pequeno céu egocêntrico e protegido. E é esta a recompensa...

Ela abaixou-se ainda mais para falar com o Pigmeu que não passava então de uma figura pequena como um gatinho, pendurado na ponta da corrente com os pés acima do solo.

“Não foi por isso que eu disse Não”, respondeu ela. “Eu queria dizer, deixe de ser teatral. Não adianta. Ele está matando você. Deixe cair a corrente. Agora mesmo.”

“Representando”, berrou o Trágico. “O que quer dizer com isso?”

O Pigmeu estava agora tão pequeno que eu não o distinguia da corrente a que se apegava. E então, pela primeira vez, não pude ter certeza se a Senhora se dirigia a ele ou ao Trágico.

“Depressa”, disse ela. “Ainda há tempo. Pare. Pare imediatamente.”

“Parar o quê?”

“De usar a piedade, a compaixão das outras pessoas, da maneira errada. Todos fizemos isso, pelo menos um pouco, na terra, você sabe. A compaixão deveria ser um estímulo para levar a alegria a ajudar a miséria. Os que escolhem a infelicidade podem matar a alegria, através da compaixão. Veja bem, agora eu sei. Até mesmo quando criança você fazia isso. Em lugar de pedir desculpas, você ia para o quarto e ficava lá amuado... porque sabia que mais cedo ou mais tarde uma de suas irmãs diria: Não posso pensar nele sentado sozinho lá dentro, chorando. Você se utilizava da piedade delas para chantageá-Ias, e elas cediam no fim. E depois, quando nos casamos... oh, não importa, se você apenas parar.”

“E isso”, falou o Trágico, “isso foi tudo o que compreendeu a meu respeito, depois de todos esses anos.” Não sei o que tinha acontecido com o Fantasma Pigmeu nessa altura. Talvez estivesse subindo na corrente como um inseto; talvez tivesse sido absorvido de alguma forma na corrente.

“Não, Francisco, não aqui,” declarou ela. “Ouça à razão. Você pensa que a alegria foi criada para viver sempre debaixo dessa ameaça? Sempre indefesa contra aqueles que preferem ser infelizes a verem contrariada a sua vontade? Pois foi uma miséria real. Sei disso agora. Você se tomou verdadeiramente desgraçado. E pode fazer isso ainda. Mas não pode mais transmitir a sua desgraça. Tudo se torna cada vez mais ele mesmo. Esta é uma alegria que não pode ser abalada. Nossa luz pode engolir as suas trevas. Não, não, não. Venha para nós. Não iremos até você. Será que você realmente pensou que o amor e a alegria poderiam estar sempre à mercê de caras feias e suspiros? Não sabia que eram mais fortes do que seus oponentes?”

“Amor? Como você ousa fazer uso dessa palavra sagrada?” Era o Trágico falando. Na mesma hora ele recolheu a corrente que por algum tempo estivera balançando inútil a seu lado, e de alguma forma dispôs da mesma. Não estou certo, mas penso que a engoliu.

Então, pela primeira vez, ficou claro que a Senhora via apenas a ele e a ele se dirigia.

“Onde está Francisco?” perguntou. “E quem é você? Nunca o conheci. Talvez seja melhor deixar-me. Ou fique, se quiser. Se isso ajudasse, e fosse possível, eu desceria ao inferno com você: mas, você não pode trazer o inferno até mim.”

“Você não me ama”, replicou o Trágico numa voz fininha como o guincho

de um morcego. E mal se podia mais distingui-lo.

"Não posso amar uma mentira", disse a Senhora. "Não posso amar aquilo que não é. Estou no Amor, e não sairei dele."

Não houve resposta. O Trágico tinha desaparecido. A Senhora estava só naquela mata, e um pássaro marrom passou pulando a seu lado, curvando com seus pés ágeis a relva que eu não podia curvar.

A senhora levantou-se então e começou a afastar-se. Os outros Espíritos Luminosos se adiantaram para recebê-la, cantando enquanto o faziam:

"A Trindade Alegre é o seu lar: nada pode dissipar sua alegria. Ela é o pássaro que foge de cada rede; o veado selvagem que pula por sobre as armadilhas. Como a mãe pássaro para os seus filhotes, ou a armadura para o cavaleiro: assim é o Senhor para ela, em sua lucidez imutável. Espectros não lhe causam temor nas trevas, disparos não a assustam durante o dia. As mentiras apresentadas como verdades podem atacá-la, mas tudo em vão: ela vê através da falsidade como se fosse de vidro. O germe invisível não pode prejudicá-la: nem mesmo o calor do sol incandescente. Milhares deixam de resolver o problema, dezenas de milhares escolhem o desvio errado: mas ela segue adiante com segurança. Ele destaca deuses imortais para atendê-la: em todo caminho que tiver de trilhar. Tomam da sua mão nas escarpas: ela não ferirá seus pés no escuro E lhe permitido andar entre leões e serpentes: entre dinossauros e leôezinhos. Ele enche a sua taça com a imensidade da vida: levando-a a ver o descia do mundo."

"Mesmo assim... mesmo assim", eu disse ao meu Professor, quando todas as formas e cânticos se embrenharam pela floresta, "mesmo agora não estou muito certo. E realmente tolerável que ela não seja atingida pela miséria dele, mesmo uma infelicidade auto-infligida?"

"Você queria que ele mantivesse ainda o poder de atormentá-la?

Ele fez isso durante muito e muito tempo na sua vida terrena."

"Bem, não. Suponho que não quereria isso."

"O que então?"

"Não sei bem, senhor. O que as pessoas dizem na terra é que a perda final de uma alma faz diminuir a alegria de todos os salvos."

"Você está vendo que não é assim."

"Sinto de alguma forma que deveria ser."

"Isso parece muito piedoso, mas veja o que se insinua por detrás."

"O quê?"

"A exigência dos que não são amados e dos prisioneiros de si mesmos, no sentido de que lhes seja permitido chantagear o universo: de que até que consintam em ser felizes (em seus próprios termos) ninguém mais possa provar da alegria. Que o deles seja o poder final; que o Inferno possa vetar o Céu."

"Não sei o que quero, senhor."

"Filho, precisa ser de um jeito ou de outro. Ou virá o dia em que a alegria

prevalecerá e todos os fazedores de infelicidade não mais poderão atingi-la; ou, de outro modo, para sempre e sempre os fazedores da infelicidade poderão destruir nos outros a felicidade que rejeitam para si mesmos. Sei que parece grandioso dizer que você não aceitará uma salvação que deixe uma única criatura nas trevas lá fora. Mas, tenha cautela com esse raciocínio ou permitirá que um invejoso seja o tirano do universo."

"Mas, ousaria alguém afirmar — e isso é horrível — que a Piedade deve morrer?"

"É preciso diferençar. A ação da Piedade viverá para sempre: mas não a sua paixão. A paixão da piedade, aquilo que simplesmente suportamos, a ânsia que leva os homens a concederem aquilo que não deve ser concedido e a lisonjearem quando deveriam falar a verdade, a piedade que levou muitas mulheres a perderem a virgindade e muitos estadistas a porem de lado a sua honestidade essa morrerá. Ela foi usada por homens perversos como uma arma contra os bons: a sua arma será destruída.

"E o outro tipo — a ação?"

"E uma arma ao inverso. Salta mais rápido do que a luz, do lugar mais alto para o mais baixo, a fim de trazer cura e alegria, qualquer seja o custo para si mesma. Ela transforma as trevas em luz, e o mal em bem. Mas não irá, diante das lágrimas astuciosas do Inferno, impor sobre os bons a tirania do mal. Toda doença que se submeter à cura, será curada, mas não chamaremos o azul de amarelo para agradar aqueles que insistem em ter icterícia, nem transformaremos o jardim do mundo num monte de esterco por causa de alguns que não suportam o perfume das rosas."

"O senhor diz que ela irá aos mais ínfimos. Mas ela não foi com ele para o inferno. Nem sequer o viu partir no ônibus."

"Bem, todos viemos naquele ônibus. O grande abismo, além da beirada do penhasco. Ali adiante. Não se pode vê-lo daqui, mas deve saber o lugar a que me refiro."

Meu professor deu um sorriso estranho. "Olhe", disse ele, e com essas palavras pôs-se de gatinhas, com as mãos e os joelhos no chão. Fiz o mesmo (e como me machucou os joelhos) e vi que tinha arrancado uma folha de grama. Usando a sua haste afilada como um ponteiro, ele me fez ver, depois de olhar com todo cuidado, uma rachadura no solo, tão pequena que eu não teria podido identificá-la sem a ajuda dele.

"Não estou certo", disse ele, "que seja esta a rachadura através da qual você veio. Mas de outra não maior do que esta você com certeza surgiu."

"Mas — mas", gaguejei, com um sentimento de perplexidade próximo ao terror. "Vi um abismo infinito. E penhascos erguendo-se cada vez mais altos. E depois este país no alto dos penhascos."

"Está certo. Mas a viagem não foi uma simples locomoção. Aquele ônibus...

e todos vocês dentro dele, estavam aumentando de tamanho."[11]

"Quer dizer então que o Inferno — toda aquela cidade vazia, infinita — está contida em alguma pequena rachadura como esta?"

"Sim. O Inferno inteiro é menor do que um pedregulho do seu mundo terrestre: mas é ainda menor do que um átomo deste mundo, o Mundo Real. Olhe para aquela borboleta. Se ela engolisse o inferno inteiro, ele não seria bastante grande para prejudicá-la de modo algum nem teria qualquer sabor."

"Parece bem grande quando estamos dentro dele, senhor."

"Todavia, toda solidão, ira, ódio, inveja e desejos nele contidos, se combinados numa só experiência e colocados na balança em oposição ao menor momento de gozo sentido pelo menor de todos no céu, não teria peso algum que pudesse ser registrado. O mal não pode ter êxito mesmo em ser mau, com tanta realidade como o bem é bom. Se todas as misérias do inferno viessem a colocar-se juntas diante daquele pequenino pássaro amarelo no ramo ali adiante, seriam engolidos sem deixar vestígios, como uma gota de tinta derramada no Grande Oceano do qual o seu Atlântico celestial não passa de uma simples molécula."

"Entendo", disse eu finalmente, "Ela não caberia no inferno."

Ele assentiu. "Não há espaço para ela. O inferno não poderia abrir até esse ponto a sua boca."

"E não poderia ela diminuir? — como Alice?"

"Não o bastante. Pois uma alma condenada é praticamente nada: ela é encolhida, fechada em si mesma. O bem bate sobre os condenados incessantemente como as ondas de som batem no ouvido dos surdos, mas eles não podem recebê-las. Seus dedos estão dobrados, seus dentes cerrados, seus olhos fechados. Em primeiro lugar eles não querem, e no fim não podem abrir as mãos para receber as dádivas, a boca para serem alimentados, ou os olhos para ver."

"Então ninguém poderá jamais chegar até eles?"

"Somente o Maior de Todos pode tomar-se suficientemente pequeno para entrar no inferno. Pois quanto mais elevada é uma coisa, tanto mais baixo pode descer — o homem pode ter simpatia por um cavalo, mas este não terá simpatia por um rato. Somente Alguém desceu ao inferno."

"E Ele fará isso de novo?"

"Não faz muito tempo que fez isso. O tempo não funciona desse jeito uma vez que você deixa a Terra.

Todos os momentos que foram ou serão estavam, ou estão, presentes no momento de sua descida. Não há espírito em prisão ao qual não tivesse pregado."

"E alguns dão-lhe atenção?"

"Sim."

"Em seus livros, senhor", disse eu, "o senhor era universalista.

Falava como se todos os homens fossem ser salvos. E São Paulo também fez isso."

“Você nada pode saber do fim de todas as coisas, ou nada que possa ser expresso nesses termos. Pode ser, como o Senhor disse à Senhora Juliana, que tudo acabará bem, e todas as coisas acabarão bem. Mas não é bom falar dessas questões.”

“Por serem demasiado terríveis, senhor?”

“Não. Porque todas as respostas enganam. Se colocar a questão do ponto de vista do Tempo e estiver perguntando sobre possibilidades, a resposta é uma certeza. A escolha dos meios está à sua frente. Todos são viáveis. Qualquer homem pode escolher a morte eterna. Os que fizerem essa opção vão tê-la. Mas se estiver tentando pular para a eternidade, se estiver tentando ver o estado final de todas as coisas, como elas serão, quando não restarem mais possibilidades mas apenas o que é Real, estará então perguntando o que não pode ser respondido aos ouvidos mortais. O tempo é a própria lente através da qual você vê — pequeno e claro, como os homens vêem pelo lado errado de um telescópio — algo que de outra forma seria grande demais para ser visto por você. Essa coisa é a Liberdade: o dom pelo qual você mais se assemelha ao seu Criador e é você mesmo parte da realidade eterna.

Mas você só pode vê-la através da lente do Tempo, num quadro pequeno e nítido, por meio do telescópio invertido. E uma cena de momentos seguindo-se uns aos outros e você em cada momento, fazendo uma escolha que poderia ter sido outra. Nem a sucessão temporal nem o espectro do que você poderia ter escolhido e não fez são, por si mesmos, a Liberdade. Eles são uma lente. O quadro é um símbolo: mais verdadeiro, porém, do que qualquer teorema filosófico (ou, talvez, que qualquer visão mística) que alega resolvê-lo. Pois toda tentativa de vislumbrar a forma da eternidade exceto através da lente do Tempo destrói o seu conhecimento da Liberdade.

Considere a doutrina da Predestinação que mostra (verazmente) que a realidade eterna não está aguardando um futuro em que venha a ser real; mas ao preço de anular a Liberdade que é a verdade mais profunda entre as duas. Não faria o universalismo o mesmo?

Não se pode conhecer a realidade eterna mediante uma definição.

O próprio tempo, e todos os atos e eventos que preenchem o Tempo, são a definição, e ela deve ser vivida, O Senhor disse que éramos deuses. Por quanto tempo você suportaria olhar (sem a lente do Tempo) para a grandiosidade de sua própria alma e a realidade eterna da sua escolha?”

14

De repente tudo mudou. Vi uma grande assembléia de formas gigantescas e imóveis, no mais profundo silêncio, de pé para sempre ao redor de uma pequena mesa de prata, e olhando para ela. Sobre a mesa se achavam figurinhas como as de um jogo de xadrez que iam para cá e para lá, fazendo isto e aquilo. E eu soube que cada figura era o idoluin ou representante-fantoche de algumas das grandes presenças que ali estavam. E os atos e movimentos de cada figura eram um retrato móvel, uma mímica ou pantomima, que delineava a natureza íntima de seu mestre gigantesco. Essas figuras são os homens e mulheres como parecem a si mesmos e uns aos outros neste mundo. A mesa de prata é o Tempo. Os que estão de pé observando são as almas imortais desses indivíduos.

Então a vertigem e o terror tomaram conta de mim, e agarrando-me ao Professor, exclamei: "E essa então a verdade? Então tudo o que vi neste país é falso? Essas conversas entre os Espíritos e os Fantasmas — não passavam de imitação das escolhas que tinham sido realmente feitas há muito tempo?"

"Não poderia você dizer perfeitamente, antecipações de uma escolha a ser feita no final de todas as coisas? Mas é melhor não dizer nada. Você viu as escolhas um tanto mais claramente do que poderia vê-Ias na terra: a lente estava mais clara. Mas mesmo assim foi visto através da lente. Não peça a uma visão num sonho mais do que ela pode dar-lhe."

"Um sonho? Então, então, não estou realmente aqui, senhor?"

"Não, Filho", disse ele com bondade, tomando minha mão na sua.

"A coisa não é tão boa assim. A taça amarga da morte ainda está para ser bebida. Você está apenas sonhando. E se vier a contar o que viu, deixe bem claro que não passou de um sonho. Não esqueça de esclarecer isso. Não dê a qualquer tolo o pretexto de pensar que você está alegando ter conhecimento daquilo que mortal algum conhece. Não quero mentirosos entre os meus filhos."

"Deus não permita, senhor", respondi, procurando parecer muito sábio.

"Ele proibiu isso, estou lhe dizendo." Ao falar assim, pareceu mais escocês do que nunca. Eu olhava fixamente para o seu rosto. A visão das figurinhas de xadrez se desvanecera e novamente nos rodeava a mata silenciosa na luz fria do amanhecer. Enquanto ainda contemplava seu rosto, vi nele algo que me fez sentir um arrepio por todo o corpo. Eu estava de pé, com as costas voltadas para o Oriente e as montanhas; e ele, de frente para mim, olhava para elas. Sua face resplandeceu com uma nova luz. Uma samambaia, alguns passos atrás dele, tomou a cor de ouro. O lado oriental de cada um dos troncos das árvores começou a brilhar. As sombras se aprofundaram. Durante todo o tempo se ouvira o ruído dos pássaros, trinados,

chilreios e o mais; mas agora, de repente, surgia um coro em cada ramo. Os galos cantavam, a música das trombetas e dos cães de caça se alteava no ar, e por sobre tudo isso dez mil línguas de homens e de anjos da mata, e a própria floresta, clamavam: “Está chegando! Está chegando!” “Despertem! Está chegando, está chegando.”

Lancei um breve olhar sobre o meu ombro — não durou o bastante para ver (ou será que vi?) a beirada do sol nascente que aniquila o Tempo com setas de ouro e faz fugir todas as formas espectrais.

Com um grito, escondi o rosto nas dobras do manto de meu Professor.

“A manhã! A manhã!” exclamei. “Fui apanhado pelo amanhecer e sou um fantasma.” Mas era tarde demais. A luz, como blocos sólidos, intolerável por causa de sua aresta e peso, caiu atroadora sobre a minha cabeça. No instante seguinte, as dobras das vestes de meu Professor não passavam das dobras da toalha manchada de tinta sobre a minha mesa de estudo, que me envolvera quando caí da cadeira. Os blocos de luz eram simplesmente os livros que vieram com ela ao puxá-la, golpeando-me a testa. Acordei num quarto frio, encolhido no chão junto a uma lareira negra e vazia.

O relógio dava três horas e soava ao longe o uivo de uma sirene, abafando tudo.

[1] *Aprendi também este método de viagem dos adeptos da "ficção científica".*

Table of Contents

Folha de Rosto
O Autor
Prefácio
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14